-1 TL 7161

Nota: muitos anexos que acompanharam este documento não seguem porque não os tenho [illegible]

Conselho Nacional da Resistencia Maubere - C N R M
Conselho Executivo da Luta/Frente Armada - CEL /FA

Timor-Leste, 18 de Dezembro de 1995.

Carta de Nino Konis Santana para Xanana Gusmão.

Querido Irmão
Fihirena

Antes de mais, desejamos enviar-Lhe as nossas calorosas saudações com votos de longa vida e muita boa saude para continuar a dirigir a nossa luta aí, por detras das grades dessas celas prisionais e um fortíssimo abraço meu, do Perez/Suaotxo e também dos dois guerrilheiros que me acompanham.

Espero que o Irmão tenha recebido já as minhas msgs de Outubro, enviadas através do AMD, via "E MAIL" e da irmã LK. Igualmente, espero também que tenha recebido já a última msg enviada já nos finais do mês, depois do AMD ter boicotado o envio de uma, enviada nos principios de Novembro, alegando problemas técnicos de funcionamento do aparelho. Digo boicote e mais à frente vou fundamentar a minha afirmação, pois não consigo perdoar uma atitude destas, para mais de pessoas defensoras de uma moral católica que dizem ser exemplar. Compreendo agora que afinal os "santos" também podem mentir.

Vou, nessa mensagem abordar várias questões relacionadas a nossa luta, constituindo esta mesma msg o meu relatorio de fim do ano.

I- As orientações Superiores recebidas, sua materialização/causas das falhas.

1)-A vinda da Fihirenu II.

Penso que a irmã Fihirenu já Lhe apresentou/informou os resultados da sua missão falhada, missão essa cujos preparativos vinham sendo realizados há já bastante tempo, mas que resultou em fracasso.

Porém, gostaria de expor também as minhas ideias e observações sobre determinadas questões que, julgo, se não tomarmos medidas poderá comprometer a continuidade da missão falhada no futuro.

Mas antes de mais, gostaria de manifestar a minha profunda desilusão pelo facto de não ter-nos sido possível a realização do encontro com a nossa irmã. Foi, para a luta, uma oportunidade de ouro perdida e para mim uma frustração e um desafio às minhas capacidades. As causas dessa falha buscam-se essencialmente na evolução da situação militar do inimigo no terreno, já na última hora mas, a meu ver, existem também outros factores que contribuiram enormemente para que a missão resultasse em fracasso.

- a meu ver, o problema de coordenação é um dos factores chaves. A recepção das cassetes do Irmão enviadas nos finais de Junho/principios de Julho só foram recebidas em principios de Outubro, no dia 3 do mês.
  Do meu lado não havia e não há problemas, pois as condições criadas para o efeito permanecem inalteradas. Apenas a situação criada, na última hora, pelo avanço do IN. criou-nos dificuldades. Mas mesmo assim, se o AMD decidisse coordenar comigo sèriamente, teríamos realizado na mesma o encontro, apesar dos enormes riscos.
  Em princípios, digo, meados de Outubro fui informado sobre a vinda de um "matadalan" da irmã. Segundo o meu informador, (não o AMD, porque este apenas disse que já estava um "matadalan" sem me adiantar mais nada, dizendo apenas para tratarmos as coisas com mais calma quando, do meu lado insistí para que me desse os pormenores e me apresentasse as suas ideias sobre a forma como iríamos realizar o encontro, mas calou-se pura e simplesmente), portanto, segundo o meu informador, uns dias depois da vinda do "matadalan, a irmã também chegou. Mas antes da chegada, o "matadalan teria ido já ter com o Jacob Fernandes, este famoso "Kepala Desa" de Santa Cruz, informando a vinda da irmã e o objectivo de se encontrar comigo.
  Imediatamente escreví a irmã Fihirenu, através da LK, informando que já estavam a entrar mal e que a missão estava comprometida. O Jacob informou ao Solep que andava em Dili ou arredores de Dili, enviado por Ruak, não sei para que fim e apesar de ter dado ordens para se retirar, mas não se retirou, escreveu-me um bilhete aberto e por elementos estranhos informando a vinda da irmã e o objectivo da sua vinda, como se eu não tivesse conhecimento.

Logo de principio, achei a missão falhada pois o envolvimento do sr. Jacob é muito perigoso. Este individuo está na origem do massacre de Ravo'o, Liquiça, em Janeiro e desconfio muito que estivesse também implicado no desaparecimento do Sabalae.

Acreditava firmemente que o inimigo poderia criar-nos complicações na última hora. Este sr. Jacob não sabe exactamente onde me encontro, mas sabe que ando por essas bandas. Pode ser uma fatal coincidência, mas o IN. movimentou-se intensamente por essas bandas e com um efectivo impressionante, fazendo até patrulhamentos nocturnos, durante a 2ª metade de outubro até Novembro!

Para o leste, nem tínhamos as condições criadas. As minhas ligações com o Ivi estavam interrompidas logo depois do desaparecimento do Sabalae, aliás, eu nunca tive uma ligação directa com Ivi e Renan e Aluk, as ligações eram feitas através do irmão Sabalae. Só em meados de Setembro tinha reestabelecido os primeiros contactos e a partir dali estávamos a envidar os esforços para a consolidação das vias. Quando recebí a cassete, procurei instruir o Ivi para preparar as condições para a recepção da Fihirenu e isso teria que levar tempo. Tinhamos que formar um grupo especial, carro, segurança, etc pois não sabia que ela iria chegar até lá, em as facilidades que vimos a verificar!
Entretanto, o Ivi recebera do meu cunhado, o Caetano Gonzaga/Anel, de que o irmão tinha-os orientado para essa missao, tendo-lhe assegurado(ao Ivi) que ele e o parceiro dele, um Matias/Memfos (que classifico-o de um traidor e vou explicar mais a frente) que tem ligações comigo, com Alex, com o Sabalae, depois do desaparecimento, etc, insistindo ao Ivi sem ter em conta a preparação de condições.

Do meu lado, apesar das ficuldades criadas pelo inimigo, não me desanimei e estiva a todo momento pronto para o encontro, pois coloquei-me num terreno favorável, tanto em termos políticos como em questões de segurança.

Apesar de ter escrito a nossa irmã, não obtive nenhuma resposta e nem mesmo o AMD se dignou a informar-me sobre o desenrolar dos acontecimentos. Soube que a nossa irmã tinha ido ao leste, à Baguia, Ossu e esteve também para os lados do AMD, tendo passado muito próximo de mim mas nem sequer me informou nada, apesar de ter escrito várias vezes ao AMD.

Quando eu soube que a nossa irmã tinha chegado a o local do AMD, fiquei totalmente revoltado pois o AMD nem sequer me informou. A carta que a irmã me escreveu através do AMD só foi entregue uma semana depois da nossa irmã ter-se ido embora.

Eu não sei o que este irmão AMD quer. Não conheço as suas verdadeiras intenções, mas classifico a sua prática como sendo de um boicote premeditado e, na pior das hipoteses, até pode ser classificada de traiçoeira.* Desde o início que ele criou dificuldades, inventou historias sobre o desconhecimento do meu paradeiro, quando na realidade, sabe onde eu me encontro e me movimento. Há outros motivos políticos que me levam a questionar este irmão. Mais a frente irei apresentar. Eu creio que o objectivo do homem era fazer tudo para dificulatr o meu encontro e assim poder ter acesso ao conhecimento objectivo daquilo que a nossa irmã me iria informar, as questoẽs de ordem estratégica tanto politicas como militares. Pois quando a irmã esteve na paroquia dele, ele ofereceu-se para gravar as questoes que iríamos discutir o que, felizmente, a irmã não cedeu.

* Mas não o tomo de traidor!

Portanto, a coordenação é uma das questões fundamentais da falha do encontro. A indisposição do AMD é um outro aspecto a considerar.

Penso que algumas questões estratégicas de ordem militar são hoje do conhecimento de várias pessoas. Quando me encontrei com o AMD e o Maubere Oan, ele me mostrou no "COMPUTER" uma escrita sua (?...) falando nisso. Ainda fixo muito bem uma frase, digo, uma palavra, o"meu Wakil". Pedí para que ele me mandasse uma cópia aceitou, mas calou-se ou deixou para o lixo do esquecimento. Em Dili, de boca em boca alguns jovens falam nisso. Ainda o AMD disse-me que um"Vitor Alves, de Kom, de nome kodigo LARAS, está tratando da entrada de MG, armas de fabrico francês para a nossa Pátria e disse que era para a FC. Não acreditei, mas assegurou-me ser verdade e que brevemente iria me mandar uma para apreciação. Insistiu-me para que eu escrevesse a esse LARAS. Inicialmente não aceitei mas por tanta insistência decidí escrevê-lo sem ter até aqui a resposta e nem a que o AMD prometeu aparece. Não sei se isso tem conexão com os assuntos que a nossa irmã me iria trazer ou se não. Acabo de receber uma cópia da carta do irmaõ Alex para Si falando na revelação do segredo por alguns jovens, alem da sua carta para o Rodak e Eli.F. Boot.

2)-Para futuros trabalhos, eu penso que devemos coordenar muito bem os movimentos para evitar essas falhas e fugas de informações.
Do meu lado, as condições permanecem inalteradas. Em qualquer altura posso receber a irmã, desde que haja um aviso antecipado. Do lado do Ivi também estamos preparando melhor as condições para o efeito! Creio que para o futuro estaremos melhor preparados!

Penso também que no futuro, o AMD não será muito necessário. Tenho ligações operacionais com a irmã LK. O elemento de ligação é o dono do " palácio" das necessidades". Será no "nesse palácio das necessidades" que iremos fazer o encontro. É de total confiança política, o que nos tem dado "umas catanas" para a"abertura das nossas hortas". Além disso, temos o condutor, aquele com quem numa das suas viagens de 9 1(?) conduziu o "kutxa" e os irmãos se depararam com alguns "kabun tasak e matan bubu" a reparar uma estrada, lembre-se?, aquele que tem em sua casa uma cadeira móvel e com quem andou a fazer filmagens. Espero que com essses dados se tenha lembrado já cara, este será a pessoa que poderá ir buscá-la. Aliás, a Fihirenu até falou com ele e este deu-lhe uma boleia em Dili.

Em Dili temos um condutor muito seguro, já experimentado nesses trabalhos. Trouxe-me o Somotxo do Alex, trouxe-nos as duas "alfas" e está sempre pronto às ordens. Portanto, para futuros trabalhos temos essas condições além de outras. Mas quanto a mim, para garantirmos sucesso, é necessario que a operação seja comandada. Caso contrário, dá-se essas situações.
Eu fico admirado com o AMD é que a Jill Jollyffe que apenas nos trouxe complicações ele aceitei o contacto e ofereceu-se à conduzir até nós mas, já com relação a nossa irmã que sabe que trás questões estratégicas da luta, já coloca dificuldades e boicota à realização do encontro. Compreendo a preocupação pela segurança, mas sòmente nos últimos dias ou nas vésperas da vinda da Fihireno e durante a sua permanência.

b)- Sobre o plano "Operação Oração".
Desde que recebí as orientações enviadas pelo Irmão através do AMD, empenhei-me na criação de condições para a materialização do Plano.
A primeira tarefa foi a de me encontrar pessoalmente com o AMD para fazer-lhe ver a importância do plano e a necessidade de ser materializada, para [illegible] combinarmos a forma de recepção da FihirenuII. Tivemos o encontro no qual esteve presente também o Maubere Oan(FJ).
A segunda foi a de escrever ao Sr. Bispo quando este regressasse e o AMD assegurou-me ou ofereceu-se a fazer entrega da minha carta. Logo a seguir, enviei as Suas orientações com algumas minhas aos irmaõs Ruak, Alex, Lú, Lere, Aluk e Renan. Enquanto isso, fui escrevendo também à alguns padres próximos e com quem tenho boas ligações e todos me respoderam concordarem connosco. Fiz-lhes a importância do plano, a necessidade de provarmos que temos uma resistência comandada e que eles ao aceitarem o plano, implicitamente submetiam-se ao Comando Superior da Luta.
Até princípios de Novembro o Sr. Bispo não me respondeu a carta, nem por escrita nem verbal. Não sei se o AMD terá entegado a minha carta ou não. Na carta, para além expôr as nossas ideias, pedi-lhe os seus pontos de vista quanto a forma de mobilização das fieis. Assegurei-lhe que tudo iríamos fazer para evitar distúrbios que viéssem pôr em causa a materialização do plano, tendo -lhe dito explicitamente que não haverá, para o efeito, manifestações em 12 de Novembro. E foi o que aconteceu.
Ainda em princípios de Novembro o AMD escreveu-me informando que o sr Bispo ainda não lhe dissera nada e propós a alteração/adiamento da realização do plano para 1º de Dezembro "coincidindo com o dia mundial de oração". Informou-me também que viriam, em princípios do mês o Cardeal Sin,das Filipinas, o Bispo Somo do Japão e outras personalidades do Prémio Nóbel para uma cadeia de velas, a coincidir com o 12 de Novembro,4º aniversário do massacre de Santa Cruz. Disse-me também que o adiamento do plano tinha sido apresentado já ao CNRM, o que suponho, ao RH.

Escreví-lhe afirmando que não era da minha competência adiar o plano, digo, a realização do plano para além de que o dia escolhido estava deslocado do significado histórico e político de 7 de Dezembro. Disse-lhe que iria escrever ao Irmão pedindo novas orientações e mandei uma msg através dele, via "E MAIL" mas duas semanas depois vem informar-me que a msg ainda nao tinha sido enviada "por questoẽs técnicas de funcionamento do aparelho".

Já nos de Novembro é que pude ter obtido a segunda carta da irmã Fihirenu II, c escrita em 30 de Outubro, depois de uma primeira, também em 30 do mesmo mês. Aquela disse ter enviado atrvés do Manu Bui mas, na realidade, foi através da LK que recebí e sòmente nos finais de Novembro, já no momento em que a situação do meu lado estava fortemente ameaçada, com a captura do meu estafeta em Dili, facto que me obrigou a fazer uma retirada precipitada, deixando tudo.

Face a carta da irmã Fihirenu, em que dizia que que o [illegible], co-autor do documento, teria-lhe dito que o plano era já do conhecimento do IN porque "uma cópia da carta do Irmão aos padres caiu nas mãos do IN", estava totalmente embaraçado pois com a exiguidade do tempo e a própria situação em que eu me encontrava, tudo me parecia redundar-se em fracasso. O AMD deixou de me escrever e estava ansioso em saber algo do sr.Bispo.

Com a expulsão das pessoas eclesiáticas estrangeiras e prémios nobeis de Paz nas vésperas da comemoração do quarto aniversário do Massacre de Santa Cruz terá sido uma experiência amarga ou azeda para o sr.Bispo. Além disso, as influências do AMD e do seu colega terá influenciado tambem negativamente na decisão do sr. Bispo mas apesar disso, sempre esperei nalguma decisão de última hora.

Localmente tinha escrito também ao amo para comemorar a data mas tudo dependia da decisão do Bispo.

Por prever a situação, com a experiência das vésperas de 12 de Novembro, avisei o *Manu Bui* para que pensasse em fazer algo, aliás, foi ele quem me propós a realização de alguma coisa. Mas o problema estava na observáncia das suas intruçoẽs e na provável decisao do Bispo o que nos colocou num embaraço total.

A agravar mais a situação, coincide-se com a visita do Sr. Ayala Lassu. O Somotxo me insistia para fazermos algo mas a nossa situação estava a colocar-nos em apuros. Como dizia atrás, fomos forçados a retirar-nos do sítio por força das circunstâncias impostas. Desde de Outubro que, quando me coloquei no terreno para a recepção da nossa irmã, a nossa retaguarda foi barrada pelo IN em operaçoẽs e não podíamos fazer o recuo.e permanecemos no local.

Entretanto, o meu estafeta de ligação com o Manu Bui,e antes disso, com o Sabalae, fora perseguido até pelo próprio AMD, porque este veio a saber que depois do desaparecimento do Sabalae, voltei a ligar-me com Manu Bui. E o AMD nunca aceitou que o Manu Bui ocupasse as funçoẽs actuais nas estruturas da FC, tendo-o acusado de ter sido o "cerebro" da traição de Sabalae.

O rapaz é um individuo totalmente dedicado à luta, deixou tudo, tal como o Sabalae, para se entregar inteiramente às tarefas da luta, disciplinado determinado, cumpridor e muito experimentado em trabalhos de ligação, foi apanhado em Dili, depois de um encontro com o AMD, na Camara Eclesiástica. Já antes disso, o AMD dizia que o Rebona,(um individuo frustrado, que mentiu o Alex, tendo roubado ao Alex quase duas jutas prometendo comprar de municoẽs e granadas, sem lhe mandar nada) sabia que o rapaz ândava em Dili e que ele seria o meu "verdadeiro traidor". Afinal eram eles que estavam preparando as formas de me trairem, refiro-me ao Rebona e seus companheiros, capturando o meu estafeta para me denunciar, levando eles as mãos do seu crime. E fico admirado é que o IN sabe exactamente o dia em que o meu estafeta ia encontrar-se com o AMD onde,depois do encontro, e perseguido e capturado.

Por causa dessa situação tivemos que sair precipitadamente do sítio anterior, sem levar nada, a não ser as nossas armas e mais nada. Felizmente, hoje, 18 de Dezembro, ainda não nos aconteceu nenhum mal, porque o rapaz negou-se a fazer denúncia e já conseguiu escapar-se das celas e está com o Tubir lá em cima.

E foi por causa disso também é que não me foi possível enviar o relatório sobre violação de direitos humanos ao Ayala Lasu e que faço seguir também juntamente com este documento, *com algumas modificações, pois o documento já não é dirigido à Ele!*

Não pudemos ter feito nada. *Em 7 de Dez.* aqui próximo, houve uma procissão, missa e vigília de oracoes até a meia noite. É que pedí ao amo que fizesse algo. Não sei se o sr. Bispo deu instruçoẽs à esse respeito a todas as paróquias.

Foi um total fracasso para mim, pessoalmente, um desafio às minhas capacidades de materialização das tarefas da luta superiormente traçadas. Mas compreendo melhor que com a Igreja, questoẽs um bocado delicadas não são fáceis de executar. Aliás, o AMD até me escreveu a dizer que os indonésios poderiam considerar às vígílias como "um acto de provocação", talvez reflectindo mesmo a opinião do Bispo e que,por isso mesmo, iriam responder, tanto mais que o Abílio Osório e os seus patroẽs têm entre os jovens um grande grupo de cerca de 600, preparados para provocar distúrbios. O chefe desses jovens é um tal Gil Alves, segundo o AMD.

Do lado da RA, também não pudemos ter feito o que deveríamos fazer, apesar de termos enviado orientacoes a esse respeito.

Do leste, o Aluk escreveu-me informando que iriam fazer algo segundo o planeado. Nao sei se na altura própria fizeram alguma coisa ou não. Do centros, o Kuak escreveu-me a informar a impossibilidade de realizar accoes militares de apoio,alegando dispersão do pessoal e a data coincidir com a concentração convergente dos diversos grupos lançados para a reunião anual, prrevista pará 8/9 de Dezembro.Alex confirma isso na sua carta para o Irmao e que me mandou uma cópia.

Entretanto, *nó dia 6 de Dezembro* ouvimos falar de combates, de mortos indonésios, de baixas nas fileiras da guerrilha, dados como mortos os irmaos Akito, Txaibada e Leny(?) ou Atinn6?) e a captura de Nixon. o que faz-nos pensar na dificil situação do centros. Na fronteira os nossos não puderam ter feito nada de especial na altura própria.

[illegible] em várias frentes e pelo facto, não nos foi possível rea- [illegible] de Novembro, um grupo nosso sofreu um assalto em Atsabe. Como consequência, um guerrilheiro foi capturado e depois foi morto a tiro pelo IN. No norte, a presenca do IN e algo sem precedente depois da destruição das bases de apoio. Além disso, em 5 do mês, em Railaku, o Roke travou um combáte com o IN no qual ferimos dois soldados do IN; a partir dali o IN voltou a encher a area com um efectivo de 5 batalhoẽs. No dia 8, na localidade de Reinau/Mau Ubo, um grupo nosso foi assaltado pelo IN mas o grupo saiu ileso depois de uma troca de tiros na qual os nossos abateram o comandante do grupo IN que realizou a operação, era um sargento, do batalhao 411 e ferido outro soldado. No dia seguinte, nas proximidades da ribeira de LauEli, em Leburema, os nossos guerrilheiros, todos recém-saídos tomaram a iniciativa de atacar uma frente IN que vinha ao encalce dos seus rastos e com três armas matamos mais 4 soldados IN, confirmados, sendo três indonesios e natural, "tiga bulan" e ferido o quinto soldado IN. No total matamos 5 soldados In confirmados e 2 feridos. No dia 22, um grupo da guerrilha foi traído, por indisciplina dos guerrilheiros. Perdemos um homem, o guerrilheiro indisciplinado e uma arma máuser capturada com 80 muniçoẽs.

Por causa dessas situaçoẽs, não pudemos ter feito algo no acto, digo, para comemorarmos o dia da invasao, tal como o irmao nos oriantou.

Continuo a afirmar que foi um total fracasso no plano interno, um desafio a minha capacidade no futuro na materialização das tarefas superiores mas também um aviso e uma lição aprendida. Fiz tudo o que podia ter feito, mas a própria realidade negou-me os esforços e não foi uma falta de empenhamento pessoal no cumprimento das Suas orientaçoẽs.

2 - Na sagunda carta da irmã Fihirenu, escrita também em 30 de Outubro mas só pude ter recebido nos finais de Novembro, através da irmã LK, apresentou-me os assuntos de ordem político e militar sobre os quais iríamos abordar, caso fosse possível a realização do nosso encontro.

Ela insistiu na necessidade da manutenção do segredo, condição vital para o sucesso da operação inicial e fases sxguintes, garantindo a sua continuidade. Entretanto, devo informar que, parece-me que o segredo exigido, por princípio, nao foi observado. Como dizia atrás, toda a gente sabia da vinda da nossa irmã e dos objectivos da viagem: encontros com a RA, questões militares....não sei como isso sai à tona mas penso que a culpa, em parte, pertence-vos.

Estou inteirado das questoẽs políticas e militares que constituem a matéria do nosso falhado encontro.

a)- Sobre as questoes militares:

Os assuntos apresentados não dizem respeito à matéria que veio na cassete para o irmão Sabalae materializar. Embora sendo, na essência, a mesma matéria, a forma com que se realiza difere.

Na verdade, é uma necessidade fundamental, aliás foi a nossa necessidade de sempre, de há 20 anos consecutivos mas com maior evidência nesses últimos anos em que assistimos uma redução drástica das nossas capacidades militares.

Tenho consciência das enormes dificuldades na aquisição disso. O problema fundamental é dinheiro, pois tendo dinheiro pode-se fazer mais coisas. A própósito, penso que, doravante, não nos deve mandar mais dinheiro pois se precisamos é para esse fim pelo qual o Irmão está empenhado. Vamos, nós próprios, arranjar algum dinheiro no plano interno pelas formas que estiverem ao nosso alcance. O "sunbangan" e uma experiência positiva que adquirimos. Embora pouco, resolve algumas necessidades. Outras formas ainda nao foram exploradas.

Além disso, ainda temos as 12 jutas enviadas pelo Irmão,, dos quais 11 são para as FALINTIL.
Tenho na minha posse 12 jutas enviadas pela solidariedade japonesa e pela CDPM/via CNRM-Operaçoẽs Especiais. Temos recebido também apoios de individualidades estrangeiras, pouco mas recebemos. Além das 12 jutas, +as 4 enviadas em Junho, totalizando 16 jutas. Este dinheiro está intacto destinado a fins especiais.
Com o Ruak estão 4 jutas+2 jutas que lhe enviei ultimamente a pedido dele, totalizando seis.
Para o leste, antes de receber o aviso do envio de 12 jutas tinha enviado ao Lere 400 mil rupias, ao Aluk e Renan 300 mil e ao Koto Moruk 200 mil. Ninguém me disse ainda que ter recebido já a quantia que o Irmão distribuiu, o que me dá impressão que o Amo que recebeu não estará em condiçoẽs de fazer a distribuição. Não conheço-o

A propósito dessa distribuição gostaria de informar-lhe que no futuro seria melhor nós a fazermos a distribuição. Creio que temos já noção suficiente de responsabilidade para resolvermos esses pequenos problemas. Por outro lado, é preciso que o Irmão tenha a confiança em nós nessas pequenas coisas também. E, por último, conhemos melhor as necessidades reais dos diversos agrupamentos. Disse ao Ruak que dos centros passasse a controlar tudo e depois refazer a distribuição conforme as reais necessidades de cada agrupamento e o período de reabastecimento.

Portanto, penso que para o todo o ano 96 teremos ainda essa quantia. Novas necessidades surgidas serão oportunamente apresentadas. É por isso mesmo, tudo quanto tiver conseguido que seja destinado a aquisição do que está em plano.

Em 94 eu pensei na construção de "santuários" em diversos pontos do território para o fim em vista pois penso que a conseguirmos, seja em que ponto do território fôr e sob que meios, teremos que ter lugar onde deixar para depois fazer o transbordo. Na última reunião minha e do Sabalae vimos esse problema. Eu iniciei com a construção desde 94 com o apoio dos nossos patriotas e hoje temos três em três pontos diferentes capazes de receber uma boa quantia. Em Dili o irmão Sabalae também tinha iniciado mas com o desaparecimento dele agora tenho dificuldades em prosseguir, tanto mais que não conheço as pessoas envolvidas nisso. Mas Dili é um ponto de irradiacao. Aqui está o problema a desafiar-me. Não conheço objectivamente a realidade. Do centro será preciso, no mínimo dois. Para o efeito uma equipa especial encarregada é indispensável.

Por outro lado, o meio de transporte. Este foi um dos problemas vistos por nós. Continuo a estudar as formas de conseguir um " cutxa". totalmente dependente da RA, ou pertencendo-a. Será um sonho demasiado ambicioso mas é vital para se garantir o segredo necessário.

Do meu lado não vejo grandes problemas pois tenho ou temos algumas possibilidades ou facilidades. Sempre seria ideal se possuíssemos um "cutxa" próprio. Estou estudando a forma de adquirir fundos. Uma delas é através de operações militares. O velho "ladrão da M16" apresentou-me um plano mas as actuais operações militares do IN alteraram o plano. Apesar disso, não me desanimo. No ano passado apresentei um plano ao Ruak. Era uma viatura do banco em movimento ali. Mas depois alterou-se. Vamos esforçar-nos em conseguir algo.

Se na previsão do Irmão a fronteira seria a primeira a ser assistida, os Seus pontos de vista coincidem com os nossos. Estamos em plena sintonia pois eu entendo que o verdadeiro alargamento da nossa presença política e militar tem sentido para a fronteira. Desde 93 que vinha pensando nisso. Em 94, quando estive em Kailaku tinha por objectivo atingir Balibó e Lolotoe por Saborai. Foram criadas condições políticas para esse fim mas a morte do Suno Moris e do Asu Lori interrompeu temporariamento a realização do plano. Em Abril voltei a instruir um outro grupo. Em Setembro o grupo atingiu Kor Luli e Tunu Bibi. Em Outubro chegaram a linha da fronteira, em Memo e daqui contornaram Maliana, subindo para Saborai. Em Novembro já atingiram Lolotoe ou áreas de Lolotoe!

O objectivo era reconhecimento do terreno e criação de condições políticas para passarmos a operar lá. Além disso, era também para a recuperação de material. Quando me encontrava ainda em Kailaku, pude ter contactado com alguns responsáveis de Lolotoe e asseguraram-me da existência de alguma coisa. Igualmente de Balibó também se falava da existência de alguma coisa. O grupo que seguiu para Lolotoe conseguiu recuperar três velhas Ms. Informaram-me que ainda há mais alguma coisa. Só em Janeiro estarão de regresso para Kailaku. Está lá o Comandante Lauk. Em Atabai esta o 2º comandante Roke. Ele tem a missão de atingir Balibó. Tem três meses para cumprir a missão. No sul estamos tentando criar as condicoes políticas para recuperarmos Nalop que foi totalmente repovoado. Temos como objectivo atingir Suai. Mas as dificuldades são maiores. O ODIR "12 de Outubro" disse-nos ter tudo já organizado e parece ser verdade mas é necessário provarmos pela prática. Entretanto, Sahen já contornou o Sul de Zumalai. Esteve em Oebaba.
De Lolotoe, na fase seguinte tentaremos ligar Suai Loho por Taroman. Até la veremos o que resultar dessa primeira fase. Já conseguimos ligar o leste de Bobonaro pelo oeste.

Há muitos boatos sobre a existência de sobreviventes em Saborai e Taroman. O grupo está também com a missão de confirmar isso. Quando seguiram para lá deparam com a presença das forças IN em operações lá o que nos leva a pensar na possível existência de alguns sobreviventes do grupo do José Pereira.

É preciso uma longa preparacao politica e criacao de outras condicoes para que consigamos os nossos objectivos. Na apreciação da situação que mais adiante irá fazer no seu capitulo situação militar, procurarei tecer mais considerações à esse respeto.

Na verdade, tanto ansiamos receber algo mas não temos em conta as dificuldades que teremos que resolver pois, novas situacões apresentam novas necessidades e aqui eu até posso afirmar que não estamos mínimamente preparados para receber algo.

O segredo é fundamental para garantirmos sucesso na materialização dos nos planos. Temos/tenho em consideracão as alertas contidas na carta da nossa irmã. Tudo faremos para que não haja comentários da parte dos guerrilheiros mas e necessário também que do lado do Irmão ou das pessoas ligadas ao Irmão não comecem a agitar bandeirolas.

Quanto a necessidade de garantir a operacionalidade da ligação, das condicões políticas na FC, sua consolidação, eficiência e contunuidade, realmnte é um próblema vital para a realização dessas operacóes. É verdade que os desmantelamentos têem sido, na maioria dos casos, governo da guerrilha. Mas hoje o inimigo vê-se a braços a fazer, um desmantelamento com dimensão nacional. De '93 para cá temos assistido pouca eficácia da parte do IN nesse sentido. As indisciplinas mantem-se nas fileiras das FALINTIL mas, de um modo geral, os guerrilheiros já estão a tomar consciencia de que se não preservam as condiçoes, são eles próprios que aceitam a sua exterminação, já que praticamente hoje dependem mais do apoio das massas populares.

Fazer reviver a guerrilha nas montanhas é uma necessidade da luta de libertação nacional. Jakarta mantem-se cabeçuda e não podemos forçá-la porque não temos condicoes para isso. Esperamos que desta vez, pelos nossos esforços, possamos conseguir algo para a nossa luta. Até lá, vamos contar o que possuímos, cuidando-os.

b)- Sobre as questoes políticas.

O Plano de Paz do CNRM, sua materializacao! Na verdade, o Plano de Paz das FALINTIL constituem a alternativa mais moderada e mais credível, capaz de contornar os obstáculos. Mas a falta de uma aceitação das outras formaçoes políticas como é o caso da UDT, retira a nossa capasidade de intervenção e persuação aos governos dos outros países para pressionar a Indonésia a moderar as suas posturas. A LK acaba de me mandar uma msg comemorativa de 7 de Dezembro da UDT. Tive nojo a ler esta msg do sr.engenheiro João Carrascalão. Não reconhece a Direcção e as FALINTIL que há 20 anos vem resistindo de armas à presença do ocupante para que hoje a UDT voltasse a aparecer em cena.
Mas, fundamentalmente, porque Jakarta rejeita o refendum, sabendo que a acontecer um acto referendario, isto constituiria a sua vergonhosa derrota, temos que encontrar uma alternativa de solução. O regresso pura e simples de Portugal que a UDT defende e as posturas ambíguas de alguns membros da DEF não ajudarão em nada a implementação de uma alternativa de solução. Se a CCFD não passar a actuar colegialmente e a assumir responsabilidades comuns, não teremos uma proposta de solução de alternativa credível.

Aceito a estratégia de alternativa de solução proposta pelo Irmão. Tudo devemos fazer para libertarmos a nossa Pátria. Pará o caso exposto ou apresentado pelo Irmão, é fundamental que a Indonésia não conheça as nossas intençoes. O problema residirá na nossa representação diplomática pois a falta de consensos poderá deitar por terra os nossos projectos.

Por outro lado, é necessário que sejam criados os mecanismos necessários para se garantir um acto verdadeiramente justo, honesto, credível e aceite internacionalmente, reflectindo a verdadeira vontade do nosso Povo. Há um ano das eleiçoes, vejo o período demasiado curto. Mas se a ONU começar a apresentar em Janeiro como uma alternativa séria a ser discutida e levar a Indonésia a aceitá-la, talves ainda se já possível a realização dos preparativos.

Sim, ouvimos o que Alatas disse depois do último encontro. Mas também já desde Maio de 93, na Sua defesa, o Irmão questionou o "pemilu" indonésio. Francamente eu queria dizer-lhe que até aqui ainda não percebia o alcance da sua afirmação ao questionar o "pemilu". Hoje entendo que já desde aquela altura o Irmão desafiou a Indonésia e advertiu a comunidade internacional e a ONU sobre a necessidade de explorar outras alternativas de solução das quais o "pemilu" pode ser considerado uma.

É necessário que a nossa CCFD tenha consensos para que Jakarta não deite isso por terra. Se formos astutos, Jakarta engolira a isca e será difícil ela vomitar para fora outra vez. Vamos tentar tudo e se Jakarta não aceitar, boicotaremos. Mesmo que não venhamos receber nada, tudo faremos para boicotar o "pemilu", desde que haja presença de observadores estrangeiros!!

II+ A SITUACAO DA FRENTE CLANDESTINA:

1- O desaparecimento misterioso do irmão Sabalae/causas e conquências na organizacão.

Continuam a ser uma incognita as verdadeiras causas do desaparecimento misterioso do irmao Sabalae e como tal, enigmática a sua real situacão.
As minhas desconfianças iniciais que apresentei permanecem actualizadas e parecem estar a confirmar-se, mas persiste-me também o receio de fazer juizos temerarios. Antes de prosseguir, queria apenas pedir ao Irmão que me retirasse algumas dúvidas, aliás, uma única dúvida que me persiste sem explicacão. Na altura veio uma irmã enviada pelo Irmão com um documento para recolha de assinaturas das biberes timorenses para a Conferencia Mundial da mulher, em Pequim, actividade pela qual o Irmao pediu a solidariedade de todos na sua implementacão.

A referida irmâ, segundo nos disseram, foi instruida para se encontrar connosco, em particular, com o Sabalae. Pergunto se ela não terá trazido alguma orientacão do Irmão para uma saída clamdestina do irmao Sabalae para o exterior? Se isso se confirmar, agradecia que me dissesse algo. Nao farei uso disso nos meus comentários. Isso é apenas uma suposicão mas muitas pessoas não acreditam que ele tivesse sido capturado pelo IN pois não há, até aqui, nenhum dado capaz de confirmar a sua real situacão e o inimigo se calou pura e simplesmente. Talvez eles estejam a ensaiar uma nova f forma de eliminar os responsáveis e os membros mais activos da resistência clandestina ao qual devemos estar atentos, mas muitas pessoas duvidam e me perguntaram ou me pediram uma explicacão verdadeira.

Em todo o caso, acredito pessoalmente que o irmão Sabalae tenha sido cobardemente traído. Os delatores foram, na verdade, os membros do grupo da"oposicão" liderada por Aitahan Matak, se se confirmar que não o Irmao nao mandou nenhuma orientacão a respeito da minha dúvida acima apresentada.

Na história das guerras de libertacão noutros países, onde há mais de um movimento de libertacão nacional, muitas vezes os seus membros se matam mùtuamente, se traiem cobardemente, apesar de todos baterem pelo mesmo ideal. Na nossa guerra nunca houve, para além da FRETILIN, dois movimentos organizados sòlidamente no interior da Pátria, oferecendo uma resistência política e armada, é verdade. Mas a história da nossa dificílima resistência provou por vários factos de que tódos quantos lutam por ambicão quando os seus seus interesses pessoais não são satisfeitos sempre se aliaram ao inimigo, capitulando-se ou traindo os seus companheiros pelas costas.

No caso da FC ou do desaparecimento misterioso do irmão Sabalae, é conhecida a história do grupo da OPCR de Aitahan ondem se agrupam individuos frustrados, corruptos, desordeiros e indisciplinados, ambiciosos pelo mando e a ambicão cega pelo"poder" levam-nos a excessos de atitudes e comportamentos e mesmo a actos de traicão.

Com o desaparecimento do irmao Sabalae, o Aitahan e o seu grupo que muito barulho fizeram se calaram pura e simplesmente porque sabem que se comecam a levantar o bico, a reclamar isto ou aquilo, sao denunciados e condenados por toda a resistencia mas outros elementos continuam activos como o Rebona/Domingos,(um individuo de Kelikai, frustrado, mentirosos que aldravou o Alex com promessas impressionantes de existencia de municoes, granadas e dilagramas a venda e o Alex caiu na armadilha tendo-lhe passado quase duas jutas para esse fim inexistente) e o sr, Jacob Fernandes,Kepala Desa de Santa Cruz e membro ou representante da AST em Dili.

Tanto a OPCR de Aitahan Matak como a AST de Shalar Kosi = Avelino consideraram-nos, eu e Sabalae, de adversários nº1 que devia ser eliminados. As manobras para esse fim não faltaram. O sr. Jacob andou a negar o papel desempenhado por Sabalae chamando para si a responsabilidade dos acontecimentos. Já o Aitahan Matak além de fazer guerra ao Sabalae, propõe a minha destituicão e move outros a não dar-me obediência, procurando dividir a Direccão na RA. Afirmava ele que quem devia estar a dirigir a RA é o Ruak por ser o membro mais veterano do CNRM e das FALINTIL pois, o Konis para além de ser novato, é da FRETILIN.

O sr.Jacob que eu não conhecia na altura, surpreendentemente foi-se encontrar comigo em Gariana por alguns responsáveis de Liquisá. O homem prometeu mundos e fundos ao malogrado"Kepala Kampung" de Gariana, o saudoso José Nunes e este conduziu-o a nossa base. Falou connosco, apresentou também mundos e fundos, auto-elogiou-se e depois de algum tempo de conversa, regressou a Dili prometendo que nos iria mandar coisas para o qual o pobre kepala kampung teve que ir com ele à espera das coisas prometidas em Liquisá, sem ter recebido nada. Regressou a noite e no dia seguinte fomos assaltados pelo IN. Como consequência, o Kepala kampung mais cinco elementos da populacão foram massacrados.

Tutut = filha do Soeharto

Defendo que a moderação deve ser a nossa linha de conduta política mas não permito que se aproveitam da nossa moderação para nos atacar traiçoeiramente por ambições mesquinhas e deixar passar as iregularidades. Hoje a AST se reconsiderou. Devemos dar a mão, mesmo aos traidores que se reconsideram dos seus actos, mas parece que tem algumas dívidas com o Chico Metan rupias e com a Tutup de que recebeu boa soma de rupias e, admira-me é que o líder da AST que se manifesta quase pùblicamente nunca foi abordado pelo IN. Na segunda vinda da Jill Jollyffe o Gouveia foi receber i instruções ao Shalar Kosi para conduzir a Jill, enviada por AA. Quando foram "descobertos" em Baucau o Gouveia acusou os irmãos H.Belmiro e Sabalae de terem sido os organizadores da vinda da Jill. O Gouveia que devia estar em TL para responder pelos seus actos perante a justiça indonésia assim como a pessoa que o orientou, ele, Gouveia, fugiu para Austrália graças a"benevolencia"do AMD, deixando os acusados a sofrer inocentemente as consequências.

Aceito a participação da AST no CNRM. É nosso dever retirarmos do IN forças para a nossa causa. Mas não aceito é que se sirvam de nós para alcançar os seus fins e depois as vítimas são os inocentes.

Logo no início do desaparecimento do irmão Sabalae, o AMD andou nos bastidores a acusar o Manu Bui de ter sido o cérebro da traição a que o Sabalae foi vítima. Alertou-me para não ter ligações com o Manu Bui pois este, segundo o AMD, estava a"cozinhar o mesmo acto de traição" para a minha pessoa. Pedi para que me aclarasse os dados acusatórios, fundamentando-os mas até aqui nada!, apesar de ter insistido várias vezes.

Mas por outro lado, o AMD dá-se muito bem com o Aitahan Matak, com o José Galucho Liandro Isak e seus irmãos, o Rebona que casou com uma prima do AMD mais outros esfomeados pelo"mando".

= public bus

Inicialmente também o AMD desconfiou (e eu acreditei) o José Manuel como sendo o delator do Sabalae, tendo sido premiado como uma microlet. Outras informações também davam conta do envolvimento do José Manuel no acto tão cobarde e ignóbil de traição. pois ele fazia parte da OPCR. As suas ligações com Aleixo Cobra, elemento de total confiança dos irmãos Sabalae e Manu Bui sujaram também o nome do mesmo, tanto mais que o Aleixo Cobra sabia do regresso do irmão Sabalae a Dili por causa daquela enviada do Irmao que insistiu no encontro com o Sabalae e o Remígio foi forçado a informar a data exacta do regresso. Dizia-me o Sabalae que o Aleixo Cobra estava procurando, através das amizades pessoais, influenciar o José Manuel a desistir da OPCR e submeter-se ao CEL/FC.

Nao sei até que ponto chega a veracidade da acusação que pesa sobre o Aleixo Cobra quanto ao desvio de apoios financeiros vindos do exterior, da solidariedade internacional para socorrer as vítimas do massacre de Santa Cruz que, segundo dizem, o Aleixo Cobra utilizou para a compra de microlets, de motorizadas que até oferecia a namorada. Inicialmente diziam que o dinheiro era para apoiar a RA mas porque não tinha fundamentos, esta deixou de ter valor. Dizem também que o José Manuel e o Aleixo Cobra receberam dinheiro do SGI para as actividades da INTEL e provavelmente teriam vendido o irmão Sabalae. Por esse facto, o Manu Bui, defensor do Aleixo Cobra, é acusado de estar envolvido ou de ser o cérebro da traição do Sabalae, dado que ele sabia do dia em que o Sabalae ia regressar.

Também no ano passado o Manu Bui quando foi a Jakarta para uma conferência de prisioneiros políticos, o AMD acusou-o de ter fornecido documentos secretos da resistencia ao IN e ter desviado mais de 20 jutas vindos do RH. No encontro que teve comigo em 20 de Agosto do ano passado, o AMD manifestou a sua profunda desconfiança a pessoa do Manu Bui. Mas disse-lhe directamente que pessoalmente não acreditava, que isso era jogada do IN e não deixei de informar ao Sabalae e ao próprio Manu Bui também. Nesse mesmo encontro, o AMD gravou-me as minhas posturas com relação ao AST com que tem boas ligações. Embaraçado, porque foi descoberto por mim, propôs-me uma entrevista de improviso para se disfarçar o acto.

Depois do desaparecimento do irmão Sabalae, como dizia atrás, o AMD aconselhou-me a não ter ligações directas com o Manu Bui porque este poderia trair-me.e que todas as minhas correspondências com o Manu Bui passassem por ele. Mas já antes o Manu B Bui e, também o proprio Sabalae, se queixavam de que o AMD violara as suas correspondências.

Tive em consideração o aviso do AMD mas também tinha em consideração as queixas do Sabalae e Manu Bui. Por outro lado, tinha que partir por confiar em alguém e Manu Bui era pessoa em que eu devia dar a minha confiança, tanto mais que naquele periodo de desorientação e vazio de poder, depois da captura do Ma'Huno, o Mano Bui era o individuo que se solidarizou activamente com o Sabalae. Ao AMD, pedi para que ele aceitasse a fazer parte do CELFC mas não aceitou, argumentando razões da sua profissão mas que, apesar disso, nunca deixaria de contribuir para a luta a sua quota parte.

Coloquei ao Manu Bui as queixas do AMD contra a sua pessoa, de estar a preparar uma outra traição à minha pessoa e assegurei-lhe que não acreditava. Manu Bui respondeu-me que não me venderia a nenhum preço tanto mais que ele não sabe exactamente onde me encontro.

Quando se deu os confrontos de Outubro, o Aleixo Cobra e o José Manuel foram abertamente condenados de terem vendido o irmão Sabalae para adquirir dinheiro do IN e comprar aqueles carros e esta acusação deu fôrça ao José Galucho e Liandro Isac na mobilização das massas populares contra a brutalidade excessiva e descontrolada do grupo do Aleixo Cobra e José que utilizaram abusiva e estùpidamente a palavra de ordem lançada pela Direcção do CELFC de "criar e intensificar a instabilidade política nas retaguardas do IN" para os seus fins pessoais. Leandro Isac e José Galucho tinham como elemento agitador e mobilizador o Boby Xavier. Sobre estes acontecimentos segue o relatório do Manu Bui. Apenas queria realçar aqui uma particularidade: O Boby Xavier que se tornara o "heroi da situação" por ter sido "libertado" pelo IN sob pressão da juventude, não passava de um agente provocador do IN, muito embora não ignorasse o seu passado de prisioneiro. Mas muitos saem da prisão comprados, instruidos para provocar distúrbios, desordens e confusão, permitindo a intervenção do IN.

Quando o AMD soube que eu tinha ligações directas com o Manu Bui este manifestou-se inquieto e procurou conhecer o meu estafeta, aliás, a culpa é também minha pois fui eu e que lhe indiquei ou dei a conhecer. Procurou investigá-lo e alguém indirectamente moveu perseguição ao meu estafeta.

Para resolver a questão, mandei o rapaz ficar em Dili e avisei o AMD que tudo o que viesse do leste, dos centros ou do Manu Bui será recebido em Dili por ele através do meu estafeta.

Nesse entretanto, o AMD manda-me um Croky, localizando o meu paradeiro. O Croky era da autoria do Rebona que, segundo o AMD, os dados foram fornecidos pelo rapaz, meu estafeta ao SGI. Achei um ridículo, pois se o rapaz quisesse trair-me, não custava nada ele conduzir pessoalmente o IN e vir assaltar-nos a qualquer hora do dia e quando quisesse sem precisar desse Croky. O AMD ainda dizia que segundo o Rebona, o meu verdadeiro traidor será o meu estafeta, ao que julguei ser uma manobra muito suja.

No dia 5 o rapaz foi ter com o AMD na Camara Eclesiastica para lhe entregar alguns documentos vindos dos centros e artigos para mim. Depois do encontro, o rapaz foi perseguido e capturado pelo SGI, com o apoio do Rebona, Memfos/Matias e Aitara, um rapaz universitario de Manatuto. Fico admirado é que esses individuos sabem que o rapaz ia naquele dia encontrar-se com o AMD, talvez fossem avisados por algum anjo de Deus.

O AMD sempre se opôs à nomeação do Manu Bui para Vice-Secretario. Igualmente sempre se opos que o Da Olo/Manú Rui, ex-membro do CCF fosse nomeado adjunto porque o Manu Bui andou metido com muitas mulherres, por que o Da Olo casou com uma madre, como se os padres nao tivessem alguns filhos já crescidos hoje e que os conheço muito bem.

O Rebona é um dos elementos suspeitos que teriam denuncido o irmao Sabalae a partir de Ermera, pois ele vive com a mulher, prima do AMD, em Gleno. Desta vez queriam trair-me mas sob forma muito discreta, empurrando a culpa para o rapaz, se este viesse a denunciar-nos e conduzir o inimigo a assaltar-nos. A acontecer isso, eles lavariam as maos de um acto ignobil e seriam bem-vistos por todos.

Felizmente, o que se esperava não aconteceu. O meu rapaz foi torturado mas negou-se a fazer denúncia e iddntificou-se como Abrão e não o seu verdadeiro nome. Mas o Memfos e o Rebona foram chamar o Boby Xavier, que era vizinho do rapaz e mais alguns rapazes do bairro que o identificaram como tal.

Perante a contundência dos factos ele declarou ser meu estafeta e localizou em Suro Kraik, Mamelau e Atsabe, tendo dito ao IN que me encontrara da última vez em Setembro e que eu lhe entregara a missão de avisar a juventude para nao fazer manifestacoes em 12 de Novembro. "Prometeu" ao IN a minha captura e pediu para que o deixassem a fim de realizar o plano da minha captura.

Quando em 23 saiu da prisão, escreveu-me imediatamente avisando para retirarmos

do local e que registasse os nomes de Rebona, Memfos, Aitara e Boby para o fim da guerra e escapou-se para os lados do Tubir onde se encontra actualmente escondido. Foi isso que nos obrigou a fazermos a retirada precipitada!
Não posso afirmar que o AMD estivesse envolvido neste acto pois ele não terá a coragem necessária para tal, tanto do ponto vista moral como político. Mas também não deixou de ser o suporte psicológico dos que se empenharam nesse acto. As suas declaracoes irresponsáveis, as suas posturas ambíguas contribuiram para que isso acontecesse. Disse-lhe isso mesmo numa escrita e assegurei também que eu nunca perdoarei os inviduos que se envolveram na traição.

O Manu Bui acusou o AMD de ter sido talvez o autor da traição. Não posso acreditar no que disse o Manu Bui e penso que ele contou isso a Fihirenu II.

Há umas questões ligadas ao AMD que quero realçar: em 93 boicotu-me as orientações e a mensagem para a juventude para o segundo aniversário do massacre de Santa Cruz. No ano passado coordenou com a AST a vinda da Jill e boicotou o encontro telefónico que Sabalae queria fazer com o Adalberto para lhe chamar a atenção sobre algumas irregularidades. Desta vez boicotou-nos o encontro com a Fihirenu e a minha msg de principios de Novembro para o Irmão pedindo orientações sobre a "operação oração".

Continuo a ligá-lo por escrito. Não posso desligá-lo dada a sua enorme influência que tem sobre a população e os responsáveis e esta nossa população é 99% católica, refiro-me a população desta região. O próprio velho "ladrão da M16" disse-me em 94 que o amo tinha-lhes sugerido que se quisessem render, que passassem pelas mãos dele, quando em 92/93 estavam praticamente isolados.

Entretanto, não acredito que ele quisesse o nosso mal para além de que é um companheiro que procura viver sempre os problemas da luta mas faz as coisas quando lhe convém. A sua carta de resposta ao documento deles e reveladora disso. Mantenho ligações com ele também porque o "alemão" anda com ele e será através dele que irei receber instruções práticas. A Fihirenu também não conseguiu por em funcionamento.

Bem, toda esta longa história vem a propósito para esclarecer como o desparecimento do irmão Sabalae que continua a ser um mistério bem guardado e a medida que o mistério se adensa, as dúvidas se avolumam, as desconfiancas mútuas se alastram e as consequências só são benefícas para o nosso adversário Sabalae não é um insubstituível, mas nem todos têem as qualidades que ele possuia, firme, determinado, seguro, abnegado, disciplinado e totalmente entregue à luta e possuidor de uma visao clara da luta, de uma inicitiva e responsabilidade que eu próprio estou muito longe de me comparar à ele.

O Ruak na sua carta carta que faço seguir, parece minimizá-lo quando diz que ele actuava como um secretariado do CNRM ou CEL/FC actuava como um Secretariado do CNRM não se tendo em conta as dificuldades que o CEL/FC encarou.

Continuo a investigar mas as dificuldades impostas pelo IN. não me permitem fazer uma investigacao mais profunda quanto fosse possível. Por outro lado, as setas teriam que necessariamente virar para as famílias que nos acolheram durante a sua estadia comigo/connosco. Este é o maior risco e o maior embaraço. Pelo facto, deixamos dar tempo ao tempo para falar por si.

Para dar cobertura a esta situação de desconfiança mútua, já mandei uma mensagem em tetum, desde finais de Outubro ao mesmo tempo, também para combater as irregularidades de 9 a 12 dom mesmo mês.
O Rebona é dos que logo no inicio disse que o Sabalae tinha sido capturado pelo IN. Mas o Nunura disse que o IN lhe instruira para me localizar, o Ruak e Sabalae, segundo o Manu Bui. Quando se falou do Sabalae, o Nunura perguntou aos homens do SGI porque havia de procurar localizar o Sabalae se este ja fora capturado em finais de Junho ao que os da SGI disseram-lhe que na realidade não! Não sei até que ponto chega a veracidade dessa informação mas são esses os novos dados a respeito do irmao Sabalae.

2- Os confrontos de Outubro-causas e consequencias.

Desde os inicios do ano que vinhamos registando em todo o território nacional ou em várias partes do território nacional sucessivas manifestações de protesto, de repúdio a presença colonial javanesa, assinalando uma nova fáse da luta política do nosso Povo.

A palavra de ordem lançada pela Direcção da FC de :"intensificar a instabilidade política nas retaguardas do IN e destruir os interesses colonialistas na nossa Pátria" através de manifestacoes de ruas, actos violentos de protesto, eliminação física dos traidores, espiões, e colaboracionistas do invasor bem como todos os "pendatang"- colonos tranmigrantes, comerciantes, "macassar", todos os indonesios que cumprem na nossa Pátria o programa governo de pacificação e colonizacão do território, destruindo os seus e haveres, os seus interesses économicos que os fixam na nossa terra, esta palavra de ordem ganhou expressao prática na acção das massas populares já fartos com o colonialismo e preferem morrer a sujeitar mais ao ocupante.

Em todo o território nacional o desafio a presença do ocupante se manifesta abertamente. Não foram poucos os confrontos entre os indonésios civis e os timorenses acentuando assim a agudizacao das contradicoes entre o colonizador e o colonizado.

A luta política aberta ganhou dimensão nacional, estendendo-se para o interior, dando assim ruptura a uma luta política restrita que se circunscreve apenas a capital. Passamos, por isso mesmo, a uma nova fase de luta.

Esta luta política iniciada a partir de 1989 com a "política de abertura do território" decretada por Soeharto tinha como protagonista principal a juventude maubere. Mas a partir de finais de 94, e durante todo o ano de 95 registámos uma Adesão mais acentuada das massas camponesas e operárias nessas confrontações políticas em várias partes do território, como em Baucau, em Ermera, em Dili e Maliana.

Registamos também que em vários casos os factores de mobilização são a animosidade, o espontaneísmo e a emoção resultantes das práticas abusivas dos colonos transmigrantes, dos "macassar" e das provocações dos islamistas colonos que procuram criar confrontos religiosos para, por um lado, impôr a supermacia da sua religião e por outro, destruir os fundamentos espirituais do nosso Povo, insultando e profanando a nossa fé, os nossos cultos com o objectivo de transformar o foco político da questão timorense num conflito religioso, portanto, numa questão interna da Indonésia. No caso de Ermera, por exemolo, o factor de mobilização foi a desigualdade e o baixo preço do café que suscitou uma agitação popular incontrolável e cabeu-nos a nós o papel de orientar a luta.

Enfim, são expressão mais flagrante da força, da determinação e de firmeza de combate do nosso Povo que devemos, por obrigação conduzir e orientar, aperfeiçoando-a para uma luta política mais organizada politicamente. É um princípio da nossa luta partir dos interesses imediatos das massas populares, apoiar-se nelas para conduzirmos a defesa dos seus interesses superiores: a libertação da nossa Pátria da ocupação estrangeira.

Todo o acto de provocão colonialista sempre teve a resposta das nossas populações e da nossa heroica juventude o que atesta o elevado grau de consciência patriótiotica do nosso Povo que já não se deixa intimidar pela repressão brutal e violência dos militares indonésios, que se valem pela força das armas.

Os indonesios sempre procuraram encenar entre os timorenses discórdias e guerras intestinas, instigando crimes entre os colonizados para justificar o intervencão do seu aparelho repressivo e justificar também a presença permanente das suas tropas na nossa Pátria.

A operação dos "NINJAS" pode ser a prova da experimentação desse cenário de contradicões e discórdias, mas essa experiência foi um total fracasso porque as massas populares responderam-no com firmeza. Espontaneamente em todo o território nacional as massas populares se auto-organizaram para se defenderem dos ataques cobardes e criminosos dos "NINJAS" que assaltam as suas casas a noite, matam indiscriminadamente, saqueiam os seus bens, violam as suas mulheres e filhas. Essa iniciativa popular foi eficaz pois infringimos muitas baixas aos "NINJAS" fracassando assim essa táctica do invasor apoiado pelos seus fiéis coloboracionistas como o Abílio Osório, o Labut Melo, o Cláudio Vieira, o Tomas Gonçalves etc. etc.

O misterioso desaparecimento do irmão Sabalae foi um facto que os colonialistas javaneses procuraram aproveitar ao máximo para por em confronto uns contra outros, para desferir os seus golpes mortais contra a Resistência.

Os servicos de informação indonésios aproveitando-se das nossas limitadíssimas possibilidades de realizar uma investigação profunda e denunciar os verdadeiros delatores, procuraram semear no nosso seio um clima de desconfiança e acusação mútua entre os membros da resistência como o objectivo fundamental de embaraçar-nos a tomarmos iniciativas na mobilização dos nossos esforços, dos nossos meios e recursos, das nossas capacidades e potencialidades contra a sua presença.

As manifestações de Baucau e Ermera em Julho, poucos dias depois do misterioso desaparecimento do Sabalae, foi um aviso claro aos indonésios de que sempre saberemos encontrar nas nossas derrotas energia necessária para continuarmos a luta, que as pessoas morrem mas as ideias ficam e nunca deixaremos de vingar os nossos heróis tombados em defesa do ideal de libertação.

As manifestacoes violentas de Maliana e Wato-Lari se bem que as suas causas tivessem como base um conflito entre religião, não retiraram em nada o seu carácter político, o repúdio a presença do ocupante! Estas manifestações em Maliana, Dili e Wato-Lari serviram para compreendermos, uma vez mais, a luta do nosso Povo pela sua sobrevivencia como tal, um povo que resiste a ocupação para preservar a sobrevivência dos seus valores culturais, etnicos e religiosos pois que, do contrário, seria um corpo vivo sem alma, a alma maubere. As barricadas em Dili ou Maliana e Baucau por vários dias ou a coragem dos de Wato-Lari que arrearam a bandeira dos indonésios no último dia dos motins e entregaram ao NANGALAS presentes que interviram nas manifestações não só mas, também juntamente entregaram uma lista dos seus nomes, oferecendo-se para serem capturados ou mortos, sòmente provam que preferimos hoje morrer que aceitar a nossa escravização eterna nas nossas próprias casas. Por outro lado, indicou um novo desenvolvimento da luta que os indonésios não esperavam que acontecesse.

Mas os colonialistas nunca param nas suas tenebrosas manobras políticas e procuram aproveitar-se de todas as nossas fraquezas para nos atacar, fomentando ódios entre os membros da resistência, provocando distúrbios, semeando desordens, fomentando anarquias para justificar a intervenção das suas tropas e destruir a organização da resistência.

Os últimos tumultos em Dili são disso prova evidente. Refiro-me as manifestações de 9 a 12 de Outubro. O relatorio do companheiro Manu Bui que faço acompanhar este retório apresenta vários pormenores que explicam o desenrolar dos acontecimentos.

Mas penso que tudo partiu por invejas e intrigas explorados pelo IN. O Aleixo Cobra tinha microlets, motorizadas que até oferecia a namorada, apresentava o ar de vaidade e orgulho e isso não deixou de chamar a atenção de outros jovens que passaram a levantar várias especulações!

As relações íntimas entre o Aleixo Cobra e o José Manuel e a oferta que o mesmo José Manuel recebeu do IN, segundo dizem, foi uma microlet "oferecida pelo IN pouco antes da captura do Sabalae, nunca podia deixar de suscitar dúvidas na cabeça das pessoas, supondo ser o preço da denúncia de Sabalae, tanto mais que o Aleixo Cobra sabia exactamente da data do regresso do Sabalae a Dili.

Tudo começou quando, numa festa qualquer para os lados do bairro Pite(?) o José Manuel se confrontou com o filho do sargento Aquiles, disputando uma rapariga. O Anito, pelas relações familiares que ligava ao filho do Aquiles, estava preparado para descarregar sobre o Jose Manuel a vingança do seu sócio, logo que uma oportunidade surgisse. E enquanto isso, as duvidas quanto o desaparecimento do irmao Sabalae se adensava, as desconfianças sobre o José Manuel se multiplicam, oportunismo toma conta da situação e a INTEL se encarregou atiçar a fogueira, dando lugar aos confrontos inter-bairros e entre jovens nacionalistas e activistas da independência.

Os confrontos tiveram lugar, fruto da animosidade, da emoção e do orgulho ferido de parte a parte, cada um mobilizando as massas populares e juvenis e envolvendo-as nos motins que não compreendiam as suas causas mas que pelos quais deram as suas peles.

O governo não interveio imediatamente pois preferiu que os os distúrbios se alastrassem por toda a cidade dado que (pelos cálculos e não falharam nisso os indonesios) quanto maior fosse a amplitude desses distúrbios, maior também seriam os excessos cometidos o que justificaria a intervenção do seu exército, da polícia e de todo o aparelho repressivo do estado que, aproveitando desses motins procuram destruir sistematicamente a nossa capacidade de resistência, de mobilização e todas as formas de oposição organizadas E foi isso o que aconteceu.

Ao longo do desenvolvimento dos confrontos o Boby Xavier, o elemento agitador e mobilizador da juventude de Matadouro foi capturado pelo IN. Falava-se de um refém indonésio nas mãos da juventude, coisa que não está confirmado, mas os jovens de Matadouro e Vila-Verde foram em massa à sede da polícia exigindo a libertação do Boby. Um facto novo que temos a registar na luta política do nosso Povo e que no futuro podemos aproveitá-lo em reivindicacoes mais importantes.

Face a acção da juventude, o Boby Xavier foi libertado, continuando a empunhar a sua catana e dar vivas pelas ruas sendo levado pelos seus companheiros como um "heroi".

A notícia da "libertação" do Boby Xavier criou uma euforia tal que abertamente a juventude da capital apoiada pela população levataram em massa, desta vez, já não falharam na escolha do alvo, o alvo era comúm, os ocupantes indonésios; levantaram barricadas, nas ruas, impediram a circulação das viaturas, a cidade ficou semiparalisada.

Aprecio a coragem e a determinação da juventude, aprecio com orgulho a sua coragem e tenacidade, venero os sacrifícios consentidos pela juventude e pelas massas populares, saúdo a heróica morte dos compatriotas caídos pelas balas assassinas dos ocupantes mas, para mim, o Boby Xavier não passou de um elemento agitador e provocador de distúrbios preparado pelo próprio inimigo quando saiu da prisão. E não sou eu apenas que [illegible] afirmo isso. É a própria população do bairro que se apercebeu disso, são os próprios jovens que se apreceberam disso tão tardiamente.

O Manu Bui tentou apaziguar a situação mas os seus esforços foram em vão. Não só ele que afirma isso mas outros companheiros também presenciaram esse esforço e até alguns irmãos aconselharam-no a não movimentar-se muito nesta situação conturbada que poderia ate [illegible] perder a vida, contaram-me alguns companheiros.

O Ma' Huno foi apenas um espectador. O seu maior bem, o espírito de indecisão e irresponsabilidade foram as suas melhores qualidades naquela situação. O sr. Manuel Carrascalão manifestou-se muito solidario com os sofrimentos das massas populares e até aconselhava os jovens a abrirem os olhos e verem o que está por detrás de tudo isso.

O Pe José Antonio foi solicitado para resolver a questão, intervindo na solução do problema. Mas o José Galucho e o Leandro Isac com o Boby não aceitaram de bom grado a intervenção do Pe José António porque este iria actuar imparcialmente. O Pe Domingos Soares inteveio na solução e, à sua maneira, resolveu o problema, beneficiando mais o grupo do ex-partisan de 11 de Agosto e Leandro Isac do que o grupo do Aleixo e José Manuel, uma vez que o AMD era amigo desses individuos. Mas o pior de tudo isso é que a queixa levantada por Leandro Isac continua actualizado na Policia o que abriria portas à intervenção das forças de repressão. O problema não estava resolvido e o aparelho repressivo do estado indonésio interveio.

Bem tudo isso é assim, porque a justiça está nas mãos dos "anjos" e onde predomina a lei do mais forte e a regra das amizades. Afinal é preciso o Povo Maubere resistir para vencer a guerra e ganhar a Paz porque o Deus do ocidente não nos traz nem justiça nem paz.

Como consequência, alguns companheiros cairam fulminados pelas balas assassinas do invasor, outros ficaram feridos, centenas deles foram apanhados, presos e torturados, outros levados para destino desconhecido, muitos fugiram das represálias, ninguém se escapou das brutalidades do ocupante a não ser o atiçador Leandro Isac.

O Aleixo Cobra foi totalmente desacreditado, os membros propostos para a direcção da juventude em apuros, a desonfiança mutua reina, a umidade da juventude atravessa uma crise maior e a capacidade operativa foi profundamente atingida.

Para agravar mais esta situacão, ultimamente se verificou um exodo sucessivo dos jovens para o exterior, procúrando ocupar as embaoxadas para pedir asilo político.

Atraves da RDP internacional fomos informados que a iniciativa é da AST e que era do seu conhecimento segundo o Secretario-Geral da AST, Shalar Kosi. Em TL o Sr. Jacob Fernandes, representante da AST em Dili é o organizador da viagem. O mesmo disse a RDP internacional que fora a Direcção da Luta na RA quem autorizou a realização do acto como uma das formas de chamar a atenção do mundo para o problema timorense. Não sei quem terá autorizado, talvez o Ruak, não acredito. Acredito que o Ruak nunca iria tomar uma iniciativa que não seja do meu conhecimento e penso que o sr. Jacob tivesse afirmado isso para desanuviar as dúvidas, pois o entervistador insistiu se a iniciativa era ou não do conhecimento da Direcção da Luta.

No plano mediático a acção mereceu a atenção da comunidade internacional mas eu achei-a como uma deserção, uma fuga às responsabilidades e é mais positivo ao IN do que para a luta na medida em que a longo prazo e numa continuidade de acções similares, desfalcaria a própria capacidade da resistência.

O mais correcto seria eles permanecerem nas embaixadas e continuarem a exigir condições para, daí ganharmos vantagens propagandisticos. Além disso, também pela RDP internacional percebi que um grupo, aquele que pediu asilo politico na embaixada japonesa nao obecedeu as orientacoes do irmao RH quando ele disse para os nossos jovens permanecerem ocupando a embaixada até que se consiga do governo japonês o nosso direito a auto-determinação e independência mas foram-se embora

Fico admirado também e pelo facto de os nossos jovens organizados pela AST e mobilizados para ocuparem as embaixadas não serem sido detectadas pelo IN, apesar de acção ser sucessiva. Refiro-me aos que pediram "suakapolitik ".

Bem, Irmão, não me posso pronunciar sobre nada, isto é, não posso fazer alguma coisa para travar o fluxo crescente dos que querem pedir "suaka polititik" ignoro as Suas orientações e posso prejudicar a materialização de algum objectivo diplomático definido. Já pedi por mais de uma vez explicação ao Irmao mas ainda nao obtive alguma resposta.

Para finalizar, face à essas situações todas é preciso reconstruirmos a confiança entre os jovens, é necessario recompormos a unidade da juventude, a solidariedade combativa enter eles, a visão correcta da luta e a necessidade de uma resistência juvenil organizada solidamente e dirigida para as tarefas de libertação da Pátria.

Para o efeito, já mandei orientações para o Irmão Manu Bui com o obejectivo de iniciarmos com os trabalhos de reorganização da juventude.

Numa primeira fase passaríamos a investigação, porque depois desses últimos acontecimentos na capital, durante os meses de Setembro e Outubro, mas essencialmente, durante o mes de Outubro muita coisa foi alterada.

Disse ao Manu Bui para recolher todos os dados a respeito das opiniões dos diversos grupos, dos diversos estabelecimentos de ensino, sobretudo, do ensino secundário e superior ou universitário, dos que simpatizam com as diversas formações políticas dos que nao são estudantes ou à juventude das ruas, as suas ideias sobre o projecto estrutural que elaborei/elaboramos, a necessidade de se formar uma única estrutura nacinal da juventude, a sua sua composição orgânica/propostas concretas sobre os responsáveis.

O apartidarismo das estruturas da juventude deve ser a linha basilar de conduta. Se falai de simpatias com as diversas formações políticas ou sociais queria apenas com isso ter em conta as suas opiniões para conduzí-los a aceitar o apartidarismo da luta. Isto porque se verifica esforços da UDT, da AST (que não sei se é associação estudantil ou se é embriao de um "partido socialista", da Igraja Católica, dos que sao da RENETIL, da LIJENTIL(?) da AJENTIL(formada pelos da UNTIM) de uma LTP -Liga Patriotica Estudantil, etc... São tantas e cada um buscando a sua afirmação no terreno.

Vou fazer uma mensagem em tetun no sentido de chamar a atenção da juventude para a necessidade de se unirem em torno de uma estrutura única, comandada pelo CNRM, deixando para tráz as querelas mesquinhas que só abrem brechas à infiltração dos ocupantes.

Aproveito para pedir ao Irmão para que quando mandasse mensagens à juventude, no interior da Pátria, que me mandasse sempre uma cópia pois só assim não nos confrontaremos desnecessàriamente, não por desejo maléfico mas por ignorância dos assuntos que o Irmao aborda. Tem sido prática do Irmao que quando faz msgs aos jovens apresenta sempre assuntos novos, as vezes mesmo de carácter estratégico de condução das actividades da luta e é preciso que nos tenhamos conhecimento. Por outro lado, também é uma forma de o Irmao ensinar-nos continuamente.

Recolhidos os dados e studadas as diversas opiniões, passaremos a sistematização esquematização e a prática de organização e mobilização, pelo aproveitamento de todas as nossas capacidades e possibilidades. Esta será a segunda fase. Levará o seu tempo e esforço mas tudo faremos para concluir o mais ràpidamente possível. O meu problema maior é não poder opinar em questões de escolha dos responsáveis. Dos que conheço estão hoje presos. Dos que foram indicados por Sabalae, o Aleixo Cobra com a sua estupidez louca desacreditou-os. Alguns da UNTIM tem correspondência comigo mas não os conheço em questões de prática, de iniciativa e capacidade de organização e mobilização. Apesar disso tudo, vamos passar à acção.

As instruções foram dadas ao Manu Bui no sentido de começar a iniciar logo que passasse o 7 de Dezembro. E ele assegurou-me que isso seria a sua tarefa central. Prevejo que so até Fevereiro ou princípios de Março poderemos ter reorganizado a juventude.

Entretanto, continuo a ter dificuldades na formação do grupo de apoio. na FC. O Tubir veio e regressou à terra. Escreveu e eu respondi, orientando-o mas ainda não me respondeu. O Manu Rui não vale a pena. Tive encontro pessoal com ele, teve a tarefa de reorganizar o oeste, é um dos adjuntos que praticamente nao fez nada.

III+ A SITUAÇAO POLITICA E MILITAR DA LUTA

1 - Questoes relacionadas a Direccao da Luta

Persistem ainda muitas diferenças de pontos de vista e de percepção e análise sobre a luta e o seu desenvolvimento entre nós, os membros da Direcção Superior, mas de uma forma particular, entre mim e o Irmão Ruak e entre o Irmao é o companheiro Ruak. Por um lado, porque eu defendo as Suas teses, a teoria da nossa guerra definida pelo Irmão sobre a qual o irmão Ruak chamou-me indirectamente de estar a fazer cópias, sem ideias ou teses próprias minhas além de fazer cópias àquilo que a imprensa diz, não reflectindo a minha análise à realidade evolutiva da nossa luta; por outro lado, o confronto das teses do Ruak e do Irmao cada uma procurando reflectir a realidade da nossa luta. Aliás, já em Janeiro de 94 o irmão Ruak apresentou as suas ideias na primeira carta que lhe dirigiu e nessa já afirmava que as causas dos nossos fracassos, dos nossos recuos e derroats miliatres e políticas têem como causa fundamental o subjectivismo do Cmd Superior e o empirismo dos Cmds subalternos e inferiores. E ele persiste nesta afirmação e não aceita que a contradição principal de toda a nossa guerra, enquanto não alcançarmos a vitória sobre o IN será sempre a capacidade subjectiva do Cmd da Luta.

Eu aceito que o irmão Ruak me diga que eu faça cópias das Suas ideias, que eu utilize a sua linguagem na apresentação das questoês da luta, que eu faça cópias daquilo que a imprensa internacional fala sobre a nossa luta.

A advertência do irmão Ruak parece constituir também uma crítica indirecta às suas teses ou teorias de erradas e toma a minha postura de defesa das Suas ideias como que eu defendesse o dogma da Sua infalibilidade e a imaculada concepção das Suas teses. contra as quais ele procura confrontar, validando o seu pensamento ou procurando validar o seu pensamento pelos resultados que a prática da materialização do seu planeamento produziu (?) em 96. ou esta produzindo em 95. e parece querer impor ele o Irmão para o debate.

O irmão Ruak ao pretender afirmar que a melhoria da "capacidade subjectiva/ em si não determina em nada (mas se se determinar então é igual a sacrificar as condições objectivas em detrimento do avanco subjectivo) porque para determinar são precisos a reunião de um conjunto de elementos imprescindíveis e interdependentes tais como: (1) capacidade subjectiva (conhecimento cultural, e intelectual, expêriencia e visão dos problemas, domínio da situação e da realidade), (2) meios materiais e (3) condições objectivas/realidade=composição orgânica alem de outros factores................ ... tanto mais que reduzirmos a um só aspecto é igual a sacrificarmos a nada", parece-me querer afirmar que ele está já subjectivamente melhor preparado para comandar e vencer a guerra mas os meios materiais, as condições objectivas/realidade=composição orgânica e outros factores é que não estão resolvidos, é preciso solucionar esses problemas para que a capacidade subjectiva possa dar os resultados práticos!

Ruak disse que eu estudo mal os problemas, ou não sei estudar o relatório dele para compreender o seu pensamento! Realmente reconheço as minhas limitaçoês (e reconheço também e com consciência as limitaçoês do Alex, Lú Olo, Lere e os quadros inferiores) e não será vergonha alguma negarnhecer isso, é a nossa própria reslidade, aprendemos a fazer a guerra na guerra.

Ele fala muito do subjectivismo do Comando Superior e o empirismo dos subalternos e das bases como a causa dos nossos fracassos. Eu não sei o que é que ele deseja afirmar com isso. Se o subjectivismo era do Cmdt-das-FALINTIL ou se o subjectivismo é da direccão superrior, tomado como o conjunto dos seus membros de que ele também fazia parte? Nao sei o que e que ele entende por subjectivismo? Se o subjectivismo é visao superficial d dos problemas, na apreciação da situação, então logo e falta de visão dos problemas da luta com profundidade, é falta de capacidade subjectiva! Em que é que nos situamos? Ele próprio contradiz à si mesmo. E se o empirismo individualizou a prática dos subarternos e das bases, qual foi o papel da Comando? Mas antes, queria perguntar, porque? E qual foi o papel do Comando na correcção das falhas, preparando os quadros e os comandantes teoricamente para perceber a realidade e evitar as nossas derrotas?

Quanto a meios materiais, não se pode dizer que até 86 não tivéssemos armas. Os levantamentos de 83 melhoraram as nossas capacidades materiais e humanas. A reestruturação radical de 84 proporcionou aos comandos subalternos oportunidades de se desenvolverem e provaram. Tivemos companhias sòmente de AR15 e coronhas móveis.

Agora se pode perguntar também: porque é que no auge do nosso próprio desenvolvimento, estavamos assistindo também o inicio da nossa própria de destruição? Noutras palavras, porque é que as nossas vitórias constituiram as causas dax nossas próprias derrotas? Não será porque não estávamos preparando-nos em função da realidades da nossa guerrilha, uma guerrilha que procura derrotar o IN oferecendo uma guerra, uma resistencia prolongada contando unicamente com as nossas proprias forças e com o apoio do nosso povo? E o que fizemos? E a pergunta que queria fazer e que desejo uma explicacao do irmao Ruak? Mas uma explicicao objectiva, realista. Mais a frente procurarei dar a minha resposta a mesma, fazendo um olhar retrospectivo da nosso passado que julgo, envergonhar-nos-a a todos, se cada um de nós reflectir o seu passado!

Voltando aos meios materiais, nao podemos fazer milagres, é nos dificil ou mesmo impossível recebermos o apoio militar do exterior, muito embora desejássemos imenso, e continuamos lutando para alcancar algum dia. Mas é preciso sermos realistas e não sermos impacientes. As armas que hoje temos são essas com as quais vamos lutar continuamente e será sobre essa realidade que se exige ainda de nos uma melhoria das nossas capacidades no aproveitamento integral das mesmas para fazermos avançar a nossa luta. Ainda que não possuíssemos armas, devemos esforçar-nos por possuir. E a fronteira norte provou ou está provando. E os centros estão provando também que ainda podemos capturar uma e outra arma para continuarmos a resistir e vencer a guerra. O importante é uma preparação dos nossos comandantes para uma visão global da luta e a necessidade de conservação das nossas forças. Importa melhorar aqui a nossa capacidade subjectiva em análise, em previsões, na tomada de decisões acertadas, etc.

B. Sobre condicões objectivas: temos a nossa Frente Clandestina, e na FC temos o nosso Povo, os nossos jovens, os funcionarios, os timorenses armados pelo IN, a Igreja, etc. Temos a consciência patriótica do nosso povo consolidada, a sua participação efectiva na luta e temos ainda um potencial enorme a ser aproveitado. Temos a resistência armada, com os guerrilheiros quase que exterminados (em questão de armads e não de homens). A propósito de armas, que valor, que importância, que utilidade tem se recebemos armas se os nossos homens não estão devidamente preparados para as utilizar? Coloco a questão na perspectiva hipotética de recebermos apoio militar e na perspectiva objectiva de crescimento do nosso pessoal, pela evasão ou insureição popular de desarmados? Temos a nossa Frente diplomática com os seus eternos problemas. Temos a solidariedade internacional e da própria Indonésia. Há que sabermos aproveitar essas condicoes existentes. E para isso requere capacidade subjectiva ou melhoria da mesma

C Sobre composicão orgânica, estamos organizados em todos os planos e procurámos orgânicamente colocar os nossos melhores homens à testa das nossas organizacões e actividades tanto na RA como na FC e também na Frente Diplomática. Mas se o irmão Ruak coloca esta questão, julgo que no seu ponto de vista ele pensa fazer uma reestruturacão radical. E o pensamento esta claro. Se é preciso combater o subjectivismo do Cmd Superior, Comando Superior aqui entendo o Cmdt-das-FALINTIL e o Chefe do Conselho Executivo pois o Chefe do EMF já está teòricamente melhor preparado e, portanto, está apto para dirigir globalmente a luta. Já não falo da FC porque o Pabalae, o maior obstáculo do CEM-F já desapareceu, aliás, se este existisse, teria que ser também substituido porque o CEL/FC não funcionava como tal, actuava como o secretariado do CNRM. E a frente diplomática? Outra questão! Talves para fazer andar é necessário o retorno de Abílio Araújo (rejeitado pela própria DEF) para a lideranca da CCFD afim de dialogar com Soeharto os destinos de TL. E porque é que Ali Alatas rejeita dialogar com os representantes timoremses para resolver definitivamente o problema timorense e rejeita o referendum? Será porque RH não resolve os problemas da FD?

Querido irmão, eu reconneco as minhas extremas limitacões, nunca escondí a ninguém as minhas fraquezas até aos estrangeiros confesso essas fraquezas, essa, minhas limitações teóricas, culturais, experiência de direccão e visão da luta. Aceito a minha demissão, se isso é necessário para fazer avançar a luta no plano interno. Aliás, sempre afirmei isso mas porque não é coisa fácil de a fazer, sem motivos de maior, com reflexos negativos para a nossa imagem no exterior quando a demissão é repentina, é que propus o revejamento da liderança na FA justificada por um estatuto orgânico que, de entre outros, legalizasse o revejamento. Talves isso fosse prática democratica em tempo de guerra, nao sei, mas o Ruak parece querer isso mesmo, pois ele toma-me como ignorante. As cartas dele que faço-as seguir também, mas essencialmente a penúltima, dá uma ideia mais objectiva do que ele pensa. Da leitura o Irmão poderá tirar as suas conclusoẽs para além de disciplinar o irmão ao diante!

Eu continuo a defender as suas teses, continuo a defender que a teoria defendida, digo, definida pelo Irmão sobre a nossa guerra é valida porque relecte a realidade e satisfaz as exigencias da luta, defendo a Sua lideranca e todos nós defendemos, disso estou 100% seguro, Não defendo as Suas teses, a teoria da nossa guerra definida pelo Irmão, os princípios militares e políticos por seguidismo cego mas, porque estou consciente da sua utilidade.

O irmão Ruak parece que se "especializou", naqueles tempos de lumparia, na prática de " bobar malu" e "fila-lian lalais" pois o seu modo de responder as questoẽs, de encobrir as falhas faz-me compreender ou perceber qualquer coisa disso. Ele não é sincero, para consigo mesmo, falta-lhe humildade e franqueza. Se não existe ambicão pelo mando, percebo que existe nele o espírito de competicão, no mínimo, e ele e ele peca por vaidade e arrogância. Ruak é ambíguo e pensa que a prudência faz dele homem forte!

Alertei-o para reconsiderar as suas posturas, tendo-lhe apresentado claramente as questoes, pois estava-se a verificar um distanciamento notório dele do Irmão, o que a meu ver é a inicia de um mau comeco nas relações entre nós, mas de uma forma particular, entre ele e o Irmão. Mas ele não aceitou, tomando a minha advertência como uma manifestação que lhe recordação da era do marxismo leninismo e do totalitarismo, pertinentemente para definir o que é unidade, como se pratica essa unidade, se existe ou não e alerta-me para não deturpar as suas verdadeiras expressões.

A propósito, desta ultima, queria informar-lhe que tanto eu como o irmao Sabalae insistimos na necessidade de ele e os outros companheiros dos centros se pronunciarem claramente as suas posturas sobre a minha lideranca e as estruturas definidas. Desde a segunda metade de 93 que fiquei à espera do pronunciamente deles sem receber nada. Sòmente em Fevereiro/Março de 94 é que pùde ter recebido, pois os documentos dele foram parar em Ainaro e eu tinha-me deslocado para a fro-norte em Setembro.

Viveu-se um período de tensão mas procurei evitar um agudizar das contradições e aceitei com resignacão algumas críticas injustas do irmão Ruak, tendo advertido também ao irmão Sabalae para conter os seus temperamentos exaltados e cheguei ao ponto mais ridículo de forçar o Sabalae a reconhecer perante o Ruak os "seus erros" quando o Ruak decidiu tomar a iniciativa de romper as suas ligações com o Sabalae assumindo a responsabilidade das suas consequências. Mas antes disso, face a nossa insistência, ao que lhe parecia que estávamos a acusar-lhe por ambicionar o poder, quando eu lhe disse que se não aceitarem a minha liderança que dissessem claramente pois eu não ambicionava nada, até porque na carta para o irmão RH eu propús a nomeação do Ruak, ele, Ruak, desvairado mandou-nos uma mensagem afirmando que se nós teimarmos ele passaria a considerar-nos como verdadeiros adversários em ideias e teoria, e que passaria a fazer uma circular, denunciando-nos, tal como o irmão Sabalae fez ao Rodak. Nunca quis apresentar as questões ao irmão, porque pensei que cabia-nos a responsabilidade de resolver primeiro e apresentar-Lhe a solução do problema, mas já agora mesmo faço seguir para o seu conhecimento.

E parece-me que esta carta passou ao conhecimento de alguns membros da FC inclusive o Aitahan Matak, pois o Falur tirara cópias para distribuicão. Posso supor que uma cópia da carta tivesse ido parar às mãos do AA. Quanto ao meu comentário a primeira cassete do irmão RH, eu perguntei à ele e ao Sabalae se algum deles teria mandado para fora aquele documento ao que todos disseram-me que não.

Vivia-se uma situação de confusão pois o Aitahan Matak aproveitou-se disso para fazer as suas propagandas dizendo que quem devia comandar era o Ruak e não o Konis porque o Ruak é o membro mais veterano do CNRM e das FALINTIL e o Konis é um membro novato e da Fretilin, tendo procurado desacreditar-nos e dividir a Direccao. Além disso, o Aitahan Matak movia uma campanha de descredito ao Sabalae, tendo boicotado alguns trabalhos importantes e dificultado a reorganização da FC. E o Ruak não se pronunciou ou não tomou a iniciativa de combater essas irregularidades. Agora diz que o problema fundamental residia nos métodos de solução, enquanto eles optam pela moderação, eu e Salae optamos pelo radicalismo. E quem se cala, consente, diz um provérbio popular.

Mas afinal onde está a prática da tal solidariedade total que ele defende quanto a reorganização da FC? E pior ainda, quando ele, Ruak, decide romper definitivamente as suas ligações com o Sabalae? O que é que ele pretenderá com isso? Não será a materialização do pensamento, adversário de ideias à prática, nos nossos relacionamentos? Dizem os sábios que o pensamento guia a acção e qualquer individuo consciente, não faz as coisas sem pensar.

Essas ambiguidades e guerra de palavras naturalmente teve os reflexos na actuação do grupo de Aitahan Matak. A agudização das contradições não resolvidas resultou na tomada de decisões violentas a favor do IN. Sabalae pagou caro, pois acredito que ele foi capturado por denúncia do grupo de Aitahan onde agrupam os frustrados, os ignorantes, os esfomeados pelo poder, os indisciplinados.

Se Ruak afirma que o Aitahan é um ignorante e era perda de tempo discutir com ele, ele, Ruak, não teve em conta que o ignorante Aitahan Matak é um bom falador que facilmente mente as pessoas e leva-as a acreditar temporariamente nele. E as consequências disso no esforco da FC? Era uma questão que se devia medir, pesar e tomar posturas correctas.

Ele, Ruak, disse que ando inventar as coisas quando eu alertei, devolvendo a sua afirmacão, ou uma passagem não textual da sua afirmacão que dizia que não devíamos depender muito do Irmão em questão de orientações e iniciativas

Disse-lhe que não era afirmação ou transcrição textual e também ao Irmão digo o mesmo porque o documento não está ao alcance das minhas mãos para lhe mandar. Mas afirmei que ele dizia qualquer parecida à isso e penso que não errei. Ele próprio afirma ou confirma isso mesmo nos seu acrescimo, depois do último ponto da 1ª parte da carta

O Irmão disse muito bem que a ambiguidade é mãe do oportunismo. É verdade e é o que o irmão Ruak está a praticar. Ele disse que tem mais de 15 anos de mando, que nunca se arrenpendeu das suas posturas. Isto porque quando se deve pronunciar, não o faz e quando as coisas aparecem o contrário, diz-se que era isso mesmo que ele queria. Para mim isso e falta de convicção, é oportunismo! Ele parece ser do princípio de que "a prudência faz o homem forte", mas esquece-se de que "ambiguidade é mãe de todo o tipo de oportunismo"!
Ele ignora a existência da teoria do Irmão por isso pergunta-me sobre "buscar o que?" e "clarificar o que?" para depois perguntar "quais principios e quais conceitos."?

E Irmão, conheço agora um bocado melhor o irmao Ruak. Não é queixa, mas o Somotxo disse-me numa conversa qualquer que uma vez o irmão Ruak expressara à frente dele, desabafando que o Irmão "era como que uma pedra grande" que dificultava o crescimento do rebento de um "kumbili" que procura crescer e desenvolver-se mas não pode porque se encontra debaixo da padra. Por outras palavras, Ruak queria dizer que o Irmão era o travão do nosso desenvolvimento, mas melhor seria dizer, o travão do desenvolvimento do Ruak.

E agora ele tenta ou procura desenvolver-se porque os indonésios rolaram a pedra para a prisão de Cipinang e o tubérculo Ruak está livre para crescer, provando pela prática a validade das suas teses, pela materialização dos seu planeamento de actividades estabelecido, planeamento esse contido no seu primeiro relatório de que mandei uma cópia ao Irmão.

Mas antes de passar a abordar o relatório do irmão Ruak, queria, melhor dito, antes de passar a abordar a análise e planeamento de actividades definidas por Ruak queria colocar ainda uma questão. sobre a sinceridade do Irmao Ruak. Ele disse que ignora que tenha aceitado a morte do Irmão no abrigo. Na verdade este irmao é um bom especialista em"bobar lia",em " fila lian lalais" o que lhe retira idoneidade.

Qualquer um que quisesse ler só superficialmente a questão mas que conhecesse no mínimo a situação retira invariavelmente esta conclusao, quando ele disse que o cobardes eram o Ma' Hunu e Mau Hodu que fugindo duma morte eminente, entregaram-se ao IN. para iram buscar uma "nova forma de luta. Mas Búkar e Hodu não estão empenhados na luta. Estão entregues à sua vida privada, abraçados à mulher e filhos. Ruak mente ao ignorar isso. Ele queria que o Irmao morresse a combater no abrigo para ser herói. O Alex parece detectar alguma coisa e o Lú disse-me que só "quem sabe analisar as suas lágrimas pode saber os seus verdadeiros sentimentos."

Bem Irmão, vou passar a análise da situação politíca da nossa luta no plano interno.

A - O irmao Ruak fez no seu relatório uma análise retrospectiva da situacao política da frente clandestina, das actividades politicas desenvolvidas de uma forma muita simplista muito subjectiva nagando os factos históricos que testemunharam as consequências directas do envolvimento directo a activo das massas polulares na luta. E afirma

> "...se formos a nossa prática de actividades políticas podemos dizer que até aqui limitavamos mais a organizar e mobilizar as massas populares no sentido de abrir canais com a FC para: coordenacão e informacao mútua das actividades, recepcão e angariacao de apoio logístico; prestação permanente de informacoes..... ..:.......
> .... do que propriamente uma organização mais extensiva e abrangente aos camponeses e agricultores, criando as condicoes básicas e fundamentais para o accionamento dinâmico dos nossos guerrilheiros, principalmente na terceira etapa.............
> ......retardando assim a eminente da guerra"

Nao sei se o ir-mao Ruak afirma isso com consciência da realidade ou se afirma isso propositadamente para invalidar todo um esforco dispendido e depois afirmar que ele vai alterar toda a situação e evitando a exterminacao prematura das FALINTIL?

Para mim uma verdadeira análise sóbria e objectiva das actividades politicas realizadas até aqui terá que ser feita recuando no tempo e analizarmos cada período de desenvolvimento da nossa luta, as dificuldades existentes ou específicas desse periodo de desenvolvimento da nossa luta para compreendermos as verdadeiras causas dos nossos fracassos, dos nossos retrocessos políticos e militares do passado à presente data.

Entretanto, parto por reconhecer que nao me vejo teoricamente habilitado para definir as etapas da nossa luta, as suas fases e os momentos concretos das fases da etapa em desenvolvimento. Esta é uma das minhas fraquezas, meu querido Irmão. Para mim, quem quer que seja que chamasse para si o actual desenvolvimento politico ou o actual grau de consciência patriótica e de luta das massas populares, sem termos em conta os esforços dos anos da guerra, os esforcos de todos os membros da organização, o papel dirigente do Irmao e o concurso de diversos factores politico-diplomaticas, é exibicionismo e ambição incensata.

-Reduzin a participação das massas populares simplesmente aos aspectos mencionados pelo irmao Ruak seria negar os levantamentos populares de Rotuto, Aiblake e Same: Sim, Same, porque se falharam os planos ali, deve-ser reconhecer que já em 82, companhias inteiras das FALINTIL foram escondidas pela população em suas casas, como em Tutuluro, e Holarua, etc. Reduzir a participação das massas populares na resistência, seria negarmos os levantamentos da MIPLIN em '83(que afinal, são também membros da populacão armados pelo IN e que por causa das suas posturas políticas os seus familiares sofrem nas vilas), é negar o massacre de Taho Bein/Krarís, e negarmos a primeira, segunda e terceira vaga de massacres desde 80, 81, 82, 83 e 84 e os sucessivos desmantel mentos registados desde 80 a 90.

-Reduzir a participação das massas populares aos enunciados por Ruak seria negarmos a passagem da luta politica do nosso povo da fase da clandestinidade para a fase de manifestacões políticas abertas nas quais a juventude maubere se envolveu directamente na luta, dando a sua própria pele. É minizarmos o alto sacrifício da juventude que em 12 de Novembro de 1891, no cemitério de Santa Cruz doaram as suas vidas e verteram o seu sangue de cujos resultados podemos ter alterado a situacão política internacional a favor da nossa causa crecendo, a partir dessa altura uma solidariedade internacional sem precedentes a favor da luta do Povo Maubere e permitindo uma maior visibilidade internacional sobre a luta do Povo Maubere. É para compreender a passagem para essa fase de luta é necessario reconhecer o papel decisivo do Cmdt das FALINTIL ou fazemos a mesma classificação que o sr. AA faz ao Cmdt-das-FALINTIL e a juventude?

Reduzir a aprticipacão das massas populares aos enunciados por Ruak é negarmos que nos finais de 90 a principios de 91, a sobrevivência do Cmdt-das-FALINTIL se deveu ao grande apoio popular da populacaõ de Suro Kraik que, apesar de um impressionante contigente militar de 12 batalhoẽs operando sómente nas areas de Suro Kraik pára capturar o Cmdt-das-FALINTIL, as populacoes tenham arranjado abrigo subterraneo em suas próprias casas escondido o nosso Líder mais alguns guerrilheiros da ssua seguranca,etc.

Reduzir a participacão das massas populares aos enunciados por Ruak é ignorarmos os levamtamentos de Kailaku, Hatolia, e Likisá em 91 e o de Atsabe em 93, já depois da captura do nosso Líder Máximo.

Se após os levantamentos de 83, apenas limitávamos a organizar e mobilizar as massas populares para recebermos informação, para recebermos apenas um pacote de sab, uma barra de sabão, é justo perguntarmos a nós mesmos porque é o que fizemos para evitar isso? E se hoje, reduzidíssimos como estamos, conseguimos recuperar muitas direccoes abandonadas por nós, por imposicao do IN e antes, quando ainda tinhamos condições militares favoraveis, grande quantidade de homens e armas, nem possuiamos uma direccao de trabalho era porque? Será porque os métodos de trabalho do Cmdt -das-FALINTIL matavam as nossa iniciativas? Onde estaõ as verdadeiras causas? Quem comandou as actividades politico-militares nas regioes?

Porque é que os nossos planeamentos políticos nos quais definíramos direccoẽs gerais de primeira, segunda , terceira importância e para cada direccão de actividades poticas definiramos como trafes a reabertura de vias on recuperácao de vias, a abertura de novas vias, a consolidacao das existentes e o alargamento para outras direcc coes segundo as condicoes existententes, as importância estratégica ou não estavam apenas no papel? Porque? A resposta está com os responsáveis regionais e não com o Cmd Superior da Luta.

Pensar-se numa participacão popular forte depois dos levantamentos de 83 a 88 ou a 90 é sonharmos demasiadamente longe, é não conhecermos as condiçoẽs específicas da altura, é não sabermos encontrar as verdadeiras causas ou até mesmo, é escondermos os nossos próprios erros. E manifesta-se insensatez de análise.

Para mim, uma verdadeira análise consciente e sem nenhuma intencão, a não a de encontrar as verdadeiras causas dos nossos fracassos, das estagnações e recuos, só nos permitiria encontrar o seguinte, isto é, que as causas disso tudo residem:

- No controle total e mais repressivo exercido pelo IN sobre as massas populares nos campos de concentracao, nos locais de desterro, nas consequencias dos massacres,etc.

-Na vaga de massacres, de desmantelamentos e desterros muitas vezes provocados pelas nossas indisciplinas, pelos mossos erros que não foram poucas as vezes que as massas pespondiam com actos deu traição forcada.

-Na inoperância dos orgãos superiores à quem estavam entregues a tarefa de comandar as actividades da luta, como é o caso do CPermanente e do EMF de então cujas incompetências tratavam as inciativas dos comandos inferiores e bases e que para se corrigir essa situação foi necessária a implementação da reestruturação radical de 84 do qual, quase que se recorria ao uso da força para se conseguir.

-A visão militarista dos nossos comandantes desde os superiores até aos inferiores. Os nossos planeamentos políticos estavam sòmente no papel. O quadros militares apenas ~~xxxx~~ queriam capturar armas, matar javaneses, a euforia dos sucessos retiravam-nos a visão do conjunto da luta, a guerrilha como prática do povo e portanto, a falta de uma visão clara da necessidade de uma organização sólida para uma resistência prolongada, na qual os guerrilheiros deveriam viver como o peixe dentro da água do oceano.

-Os comandantes militares só sabiam dizer, e devemos reconhecer isso com com consciência, "ami nia maka tiro malu"; Os comandantes das companhias, os RPs dos COMDOPs, os comandantes superiores tinham as melhores armas, os melhores homens para a sua segurança, para as segurança das companhias na produção, mas festas, etc, enquanto os trabalhos políticos eram da exclusiva responsabilidade dos quadros civis à quem são entregues umas FBPs, umas mausers soko-soko, nas mãos de uns guerrilheiros que, nas companhias só serviam para levar panelas. Não nego a participação exemplar de alguns comandantes nos trabalhos políticos como é caso do irmão Alex, do saudoso Ferraz mas visto o problema no seu conjunto, a realidade é a que apresentei.

Despreparados como estávamos, fomos apanhados de surpresa com a acção da contra-guerrilha territorial que nos foi exterminando unidade por unidade e não podiamos recorrer ao apoio popular porque até tínhamos medo da nossa população. Muitos comandantes numa alguma vez colocou os pés nas zebras e se vão, levam uma companhia de segurança para depois prejudicar o trabalho iniciado.

B. Quais foram os factores que determinaram a passagem ao actual desenvolvimento politico onde o apoio e a participacao das massas populares atigem hoje um grau muito satisfatorio, com enormes perpectivas de melhoria?

Conseguidos os resultados fixados pelo IN nas sua operacoẽs de contra-guerrilha territorial iniciada em finais de 86 traduzidos na reducão drástica dos efectivos militares das FALINTIL tanto em pessoal como material e ó controle territorial e administrativo pelo repovoamento das terras abandonadas, antigas povoaçoẽs e knuas acompanhada de uma acção psico-social e civica militar, papsico-economica destinada a melhorar as condicoes de vida da população na qual os guerrilheiros das FALINTIL dificilmente se podem desenvolver, o Comando IN pensou ter conseguido chegar a aurora da s sua vitoria final e procurou associar à sua acção, uma acção política/diplomatica que visasse melhorar a sua imagem, pois uma vez vencida a batalha diplomática, teria conseguido portanto a sua vitoria final: q legitimação da anexação de TL.

Pelo facto, nos princípios de '88 o Presidente Soeharto procurou abrir o território a observadores estrangeiros, essencialmente ocidentais, seleccionados cujos olhos confirmariam os benifícios da integração pelo progresso e desenvolvimento, por um lado e, por outro, a ausência da resistência organizada e activa em TL.

Mas se a política de "abertura de TL" tinha como objectivo principal mostrar ao mundo os benificios da política de integração, de paz e estabilidade, procurando mostrar também uma imagem positiva do seu exército entregue ao trabalho pelo bem-estar das populaçoẽs, essa mesma política de abertura trouxe também, nas suas entranhas novas forças da resistência em confronto com a política do ocupante, com o aparecimento do movimento estudantil, a partir de 89, cujo resultado coloca de novo a questão de TL na arena política internacional, pela perspectiva dos direitos humanos.

Isto porque, como disse o Irmão aos enviados do AA, "basta que nos abram uma pestana para deixar novos ventos" E foi o que aconteceu. E é o que está acontecendo.

Estava-se a iniciar uma nova fase de luta e a verificar-se a passagem da resistência das montanhas para as vilas, passando a inverter os pápeis da forças da resistência no terrano, iniciando a partir dessa altura uma campanha de informação, de agitação e de sensibilização das massas populares levado a cabo pela juventude em várias partes do território onde a presença das FALINTIL era praticamente nula.

atingindo populações até ali consideradas hostis à luta.

As manifestacões realizadas quando da vinda do Santo Padre marcaram o início da viragem da nossa luta política clandestina para uma luta política mais aberta, desafiando o invasor abertamente, dando início também à uma campanha de informação e agitacao da opinião pública interna e internacional. No plano estrictamente interno foi uma mensagem da luta, da resistência para todos os timorenses vindos de todos os cantos de TL. A vinda de Johon Monjo, embaixador americano acreditado em Jakarta, a convite da Indonésia para visitar TL e os benefícios da política de integração levada a cabo pelos indonésios à quem os jovens atiraram à cara e à consciência a determinacão do nosso Povo de lutar e vencer, foi outro acontecimento com repercussões políticas positivas para a luta, tanto para o plano interno como no plano internacional.

Não sei quando e em que documento o Irmão frisou a necessidade de partirmos da defesa dos direitos humanos, para a defesa dos nossos direitos políticos, o direito a auto-determinação e independência nacional porque as recordações se misturam com os acontecimentos, mas era o anúncio da necessidade de implementarmos novas formas de luta nas quais os direitos humanos seriam o foco táctico das nossas reivindicacões. no mundo ocidental.

A falhada anunciada visita dos parlamentares portugueses a TL para cuja recepcão as massas populares foram politicamente agitadas, organizadas e mobilizadas, fazendo acordar até os adormecidos pelos embalos do "Pembangunan" transmitiu mais uma vez a mensagem da luta e da resistência e consolidou-se as organizações políticas onde se verificou uma assistência mais eficiente da FC aos guerrilheiros. A presença do Irmão foi vital para que se impusesse um maior controle e disciplina no funcionamento da FC.

O massacre de Santa, sem bem que atingiu profundamente as estruturas da FC em Dili, teve a capacidade de alterar radicalmente a situação política internacional a favor da nossa causa e no plano interno consolidou a consciência patriótica do nosso povo, o seu odio mortal ao ocupante, fazendo uma clara diferença entre o colonizador e o colonizado. Foi a violência dos criminosos que também conseguiu virar muito integracionistas a simpatizarem com a resistência. Santa Cruz foi o ponto mais elevado de viragem politica.

Portanto, foram o concurso de diversos factores, políticos, organizacionais, propagandísticos, militares e diplomáticos que, no seu condicionamente mútuo consolidaram a consciência patriótica do nosso Povo, a sua determinação de lutar e a sua firmeza no combate permitindo a que hoje os guerrilheiros encontrem apoio popular em todo o lado.

Queria também aproveitar para realcar também que se é certo quem os repovoamentos populacionais sao, no terreno militar, uma situacao embaracosa para as actividades miliateres de manobra, de movimento, restringindo as zonas de combate tornando os guerrilheiros presas faceis para o exercito invasor, tambem nao e menos verdade que este memsmo repovoamento constitui um ponto extremamente positivo para as actividades politicas da resistencia, pois a facilidade de contacto das populacões com os guerrilheiros, sem estarem sujeitos a uma forte vigilância dos invasores permite a que as massas dêem um apoio mais eficiente e participativo na resistência, dando apoio logístico, medicamentose, calcado e vestuário, dinheiro e seguranca aos guerrilheiros, oferecendo-lhes guarida ao seu braço armado.

O irmao Alex apontou com clareza os efeitos dos repovoamentos cujas conclusoes faço-as minhas também.

Não se definiu as etapas da luta política do nosso Povo, é verdade, mas o próprio desenvolvimento das condicões politicas estavam a obedecer as sua fases de desenvolvimento e nao podíamos forçar uma situação segundo os nossos desejos febris.

Teria sido polssivel que, em 83 a 84 naquela vaga de massacres, de desmantelamentos e desterros, de prisões e desparecimentos, uma análise objectiva e um planeamento real podia provocar uma maior participacão das massas populares na luta como agora? Ou naquele periodo de 87 a 89 onde as operacoes militares de contra-guerrilha territorial levadas a cabo pelo IN, combinando as accões militares de pacificação das zonas da guerrilha com os repovoamentos populacionais nas quais o exército invasor estava "empenhado na promoção do bem-estar das populacoes". mal acabados de sair do inferno dos campos de concentracão, teria sido possível as massas populares darem guarida aos guerrilheiros? É préciso sermos realistas na nossa análise e objectivos nas nossas conclusões.

Terá sido a ausência de análise, de previsões e planeamentos da parte do Cmdt-das-FALINTIL as causas dos nossos fracassos políticos e militares? Terá sido os seus métodos de "monopolização e açambarcamento" das tarefas a causa da estagnação dos quadros superiores da altura?

Para mim, só um milagre podia evitar a exterminação que as FALINTIL sofreram como consequência da " estratégia de contra-guerrilha territorial" do IN. Para mim as c causas dos nossos fracassos estão contidos na apreciação já atrás apresentada. Além disso, no plano superior de Comando, o Cmdt-das-FALINTIL cumpriu o seu dever.Definiu sabiamente a estrategia geral de solução do conflito, definiu as estrategias parciais para cada frente de luta, as estratégias das etapas, as orientações estrategicas e tácticas de condução das nossas actividades, elaborou os seus textos como um esforco de ajudar os quadros políticos e militares a compreender teoricamente os princípios reguladores da nossa guerra e a sua materialização na prática quotidiana.

Existem erros, é verdade, aliás isso por si chama-nos também a atenção para o problema da melhoria constante das nossas capacidades subjectivas, a contradição principal permanente em toda a nossa guerra, dada a especificidade da mesma, onde lutamos contra um inimigo extremamente poderoso em todos os planos, onde não podemos receber qualquer apoio militar do exterior, onde só pedemos contar únicamente com as nossas próprias forças e com o apoio do nosso povo.

Se se coloca o problema depois da captura do Irmão, eu aceito a responsabilidade dos meus erros, das minhas limitações com total consciência. Realmente de 93 a 94 não fiz nenhuma análise, aliás, o problema de análise é um mal que ainda enfrento, não fui capaz e continuo não ser capaz de definir as etapas e fases da nossa luta, as contradições específicas de cada, os métodos de solução das contradições, não fiz nenhuma previsão, aliás, só que'faz análise correcta é que pode fazer também previsões acertadas e aqui dou mão à palmatória, não defini os nossos objectivos a alcançar em cada cada fase e etapa de cada frente de luta,no plano interno e, finalmente, não fiz um planeamento real e objectivo das nossas actividades para a materialização ordenada e metódica dos objectivos fixados.Dou a mão a palmatoria. Continuo a sentir as minhas fraquezas e a minha extrema pequenes ante este pesadelo que me aflige.

Irmão Ruak pensa agora num maior aproveitamento, numa maior participação activa das massas na "etapa" que se aproxima, a "terceira" segundo ele onde talvez passaremos a"fazer da guerrilha propriamente dita" ou noutra hipótese, talvez a mais o provável, a"guerrilha urbana", para a qual ele conduz o seu pensamento à prática evitando assim um maior agravamento da situacao. militar das FALINTIL.

Ele afirma confiar na nossa capacidade de mobilização abrangente mas diz que no momento actual da nossa luta política a Igreja Católica é a única instituição capaz de mobilizar o povo na sua totalidade na realizacao de accões com impactos estrondosos. Para mim isso é um sonho demasiado. Nao nego o papel importante da Igraja católica, mas está provado que a Igreja é um travão aos nossos métodos violentos de acção.

Ele aponta como solução, a adequação das estruturas da FC o que não discordo. Mas rejeito a participação de individuos que apenas criam dificuldades ao desenvolvimento das tarefas da luta. Ele fala de solidariedade total entre os membros da FC e FA na reorganização da FC mas aponta o CEL/FC, Sabalae, como um secretariado do CNRM e não combate as irregularidades de Aitahan.Matak. Onde está a "solidariedade?E para mais "total"?

Fala de uma diluição da FA e FC, separando estas das estruturas das FALINTIL. Sobre este aspecto já lhe mandei as minhas opiniões e já mandei também a ele as mesmas ideias mas ele nao aceita. Não se fixa numa ideia, apresenta varias soluções, é uma ambiguidade. A minha experiência de três anos no norte onde o repovoamento é um objectivo ja alcançado pelo IN e onde a guerrilha vive basicamente do apoio popular em tudo, o recurso ao mato é uma necessidade irresistivel. Além disso, a juventude, os responsaveis, os patriotas perseguidos e ameaçados recorrem a guerrilha como a alternativa única pois entre a prisão e tortura nas mãos do IN e a vida dificil do mato, preferem esta última porque sabem que ao menos morrem como guerrilheiro.

A minha experiência de mais de meio ano"assumindo" provisoriamente a responsabidade directa do CEL/FC confirma a inoperancia das minhas decisões, pois não tenho dado o que o Sabale, pelo controle directo das actividades, dava. Sinto a necessidade de bons colaboradores e aqui persiste o problema sem solução.

A meu ver, o que o irmao Ruak fez de melhor foi o de ter estabelecido um planeamento esquematizado de actividades e ter conseguido impor a materialização desse planeamento. Aprecio também a forma como ele analisa a situação de forma metódica, esquematizada e sintéctica e aprecio também o seu domínio sobre as questoes militares. Francamente eu ainda não tenho domínio das questoes militares, fui um civil demais e a culpa também me pertence. Não procurei estudar os Seus escritos em questoes estratégicas e arrependo-me agora. Ando a procura das "questoes estratégicas"do Irmão para estudar, para compreender e aplicar criativamente mas não possuo. Eu sei que o Ruak tem, já pedi mas não me manda. Vou pedir ao leste. Nestas condiçoes talvez é correcto citar este ditado popular:" Na terra dos cegos, quem tem olho é rei".

E eu creio que nenhum de nós, tanto eu como o Alex, o Lere ou Lu temos a bagagem suficiente para discutir questoes militares estratégicas ou questoes estratégicas. Disso estou certo e nisto posso apreciar o Ruak pela forma como se desembaraça dessa situação. E estou aprendendo também com ele.

Agradecia imenso que o Irmao me forcesse umas ideias sobre etapas, fases da etapa e momento das fases da etapa. Peco-lhe para me dar também uma explicacão sobre análise e o processo de analise, sobre questoes estratégicas e uma análise militar da nossa guerra. Além disso, uma definição sobre a situacão militar do conjunto e o conjunto da situação militar. É mais um peso que somo aos demais mas e um desejo irresistivel de aprender conSigo que me alimenta energias e coragem para Lhe pedir explicação.

Tudo isso será respondido se não afectar o materializacão das Suas tarefas programadas. Tudo farei para possuir uma cpia das Suas questoes estratégicas, o planeamento real de actividades e outros documentos de importância para a minha formacão. Os meus apontamentos deixados em Kabalake foram levantados por Mau Mean e não possuo nenhum documento Seu a não Sua a reverificacão da prática, documento muito útil para a correccao de mim mesmo.

A situacao politica das massas.

Penso ter apresentado já.De um modo geral,em todo o TL as massas populares participam hoje mais activamente na luta. O esforço desesperado do IN de neutralizar as nossas actividades políticas clandestinas ou a participação das massas na luta e hoje praticamente um esforço inútil,muito embora não devamos abusar as condicoes políticas existentes para questoes secundárias. Devemos disciplinar as nossas actividades, as nossas accoes e comportamentos, devemos ter um espírito cada vez mais agudo de responsabilidade para que as condições existentes em todo o país seja aproveitados em beneficio da luta, respondendo as nossas necessidades presentes e futuras.

Na ponta leste, segundo uma carta recente do irmao Renan, aliás faço seguir também a carta, dá a imagem de que as massas populares estão participando mais na luta e apoiam os guerrilhairos no plano logistico e noutros aspectos, além de outras condiçoes que a carta apresenta.

Parece que só do lado do Lere é que os guerrilheiros ainda cortam o leupata. Mas uma ultima carta do Lere, datada de Setembro, já me dá a impressão que também estão recebendo apoio popular. Ali penso que o problema ainda reside nos métodos de trabalho do Lere e numa visao militarista ainda da luta. Não posso assegurar-me, mas penso que são esses os problemas que ainda persistem; Por outro lado, a própria repressão do ocupante. Tenho procurado enviar algumas coisas. Ha possibilidades de nos assistirmos logisticamente o centro e a ponta ou, pelo menos os agrupamentos mais afectados mas o problema de sempre foi o do transporte. Discutí com Sabalae, estou discutindo com o Manu Bui mas continua a ser um problema de difícil solução.

Nos centros, o relatório de Alex pode dar-lhe uma ideia mais clara e objectiva.da situacão de Bivake. A proposito deste relatório, apesar de o irmao Alex ter-lhe mandado já, tenho dúvidas que ele tenha chegado já. Pelo facto, mando-lhe também a cópia que ele me mandou.

Conseguimos recuperar todo o Turiskai, parte de Maubisse, Aileu onde o Rial se encontra presentemente com o Samba, e Solep esteve para os lados de Dili(mas Dili eu coloco de lado porque é praticamente o centro de irradiacao política).

Nao conheco a situacao de Lakubar, de Lakló, de Kribas e Manatuto. Também não conheço a situacão de Barike.

De Same as condicoes sempre existiram. O Tubir fez andar quase todo o Same pois hoje podemos ter tambem o apoio da populacao de Fatuberliu. Alas parece que se mantem fechado.
Em todo o lado,dos centros os guerrilheiros estão sendo assistidos pelas massas populares.

Aliás, os repovoamentos ajudaram a resolver esse problema pois politicamente o IN não pode deter um controle sobre as massas populares assim como militares também. A população uma vez vendo"liberta" de um controle total do IN em campos de concentração hoje [illegible] está provando ser capaz de apoiar em todos os planos as FALINTIL, segundo as possibilidades e condicoẽs especipicas de cada direccao concreta. Alias, já na "TEMÁTICA" o irmão dissera que a população pode vir alimentar as FALINTIL. Não era uma profecia, era o resultado da análise da realidade da nossa luta e da previsao do futuro apartir das experiências iniciais.

Na fronteira, essencialmente o norte, a guerrilha só pode viver ou sobreviver com um total apoio popular. Temos a experiencia de 4 anos. O documento que anexo no qual falo sobre a situação da fronteira, dá uma idéia completa. Foi feita no ano passado, digo, nos princípios deste ano, mas mantem-se actualizado.

Não temos ligação ~~com o~~ nem controle politico de Railaku, do oeste de Aileu, de Bazarte leste, do leste Letefono e do oeste de Maubisse.

No sul, de Ainaro, de Soro, Suro Kraik, de Mablake e Rotuto, de Matudo a populacao continua dando o seu apoio a guerrilha, mas as nossas fracas condicoẽs materiais, o número de armas não nos permite cobrir estas partes todas e a partir daqui estabelecermos ligacao com o CR Cruzeiro.
Para Zumalai estamos coordenando com o ODIR de "12 de Outubro" para garantir condições políticas a nossa aproximação e presença. Mas tanto para Zumalai como Gougua, Mape, Zulo a Malop temos dois problemas a encarar, primeiro o problema do conhecimento do pessoal; segundo, o problema do dialeto. Ninguém sabe falar o bunak, factor importante a considerar nos nossos contactos. Mas vamos tentar superar, fazendo sair no mínimo dois a três jovens decididos.

Segundo o relatorio do ORDIR "12 de Outubro", parece-me que a região está já toda organizada, pelo menos nominalmente. Há que passarmos, como disse o Irmão, pelo "crivo da investigação."
Considerei a importância dessa direcção pelo facto de que em Hali Tohar estao os transmigrantes e sempre pensei em considerá-los como alvos a atacar na materialização da palavra de ordem: maior instabilidade política nas retaguardas do IN e destruir os interesses dos colonos indonesios na nossa pátria, se possível, a tiros das armas das FALINTIL. Em coordenação com o ODIR, Sahen pode ter chegado já a Oebaba, a SE de Zumalai, com perspectivas de avançar para frente.

Portanto, nas áreas de Mamelau continuamos a sentir dificuldades no reabastecimento logístico. Aliás, em toda a região há ~~em~~ vários ~~em~~ locais onde as populacoes não nos podem abastecer porque não têem para nos dar, essencialmente nos períodos de Janeiro e Fevereiro e também em Dezembro ou ainda quando estamos concentrados, o que nos obriga a fazermos compra, retirando dinheiro do nosso bolso. E foi a propria população que nos sugeriu fazermos isso, pedindo-lhes "sunbangan". Esta dando resultados, apesar da forte pressao do IN. Mesmo depois desses combates a populacao continua a apoiar-nos naquilo que podem.

Para terminar:

* - Existe em todo o pais condicoẽs políticas favoráveis que melhor aproveitadas podemos diminuir, em alto grau, os efeitos da accão militar do IN sobre as FALINTIL.
* - Uma organização clandestina capaz de mobilizar o nosso povo a apoiar eficazmente a guerrilha no plano logístico, medicamentose, calcado, vestuário dinneiro, etc. evitará uma maior exposicão continua e desnecessário dos guerrilneiros aos ataques do IN na extracção de sagú, na escavacão de kumbili, no recurso nocturno às hortas da populaçao, nas ligaçoẽs, etc.
* - Um apoio forte das massas populares no fornecimento de informacoẽs sobre dados militares, alvos, movimentos do IN, planos, material de guerra, étc, permitirá as FALINTIL maior liberdade de iniciativa e se garantirá uma maior conservacão de si mesmas, para além da segurança e guarida que deve receber da populacao quando há forte ofensiva militar do IN.
* - uma acção política correcta das massas populares em acçoẽs multitudinarias de protesto nas vilas, buscando objectivos bem definidos, criará uma situacão de permanente instabilidade nas retaguardas do IN, o que forçará o IN a dispersar as suas atencoẽs.
* - uma boa preparacão das massas juvenis garantirá novos mancebos para o recompletamento das FALINTIL em pessoal.

Mas apesar de tudo isso, não poderemos evitar ou impedir que o IN continue a atacar-nos e a provocar-nos baixas pois enquanto nao tiver conseguido a exterminacão total das FALINTL, os generais indonésios nunca pouparão esforcos e energias.

3- A situacao militar da nossa luta

Ao abordar sobre esta questão, parto por reconhecer em primeiro lugar, as minhas limitacoẽs no domínio teórico de definição de conceitos militares, de conjunturas ou análises de conjunturas, de etapas da luta e suas fases em desenvolvimento, indentificando a *etapa* actual e suas fases em desenvolvimento, as contradicoẽs e características da etapa e a previsão da etapa seguinta. Por este facto, também não me e facil definir as tarefas para a etapa, escalonando-as segundo a sua importância e prioridade, etc.etc...

Alias, o irmão Ruak até disse-me que era inútil discutirmos entre nós, eu e ele, questoẽs nesta matéria ou ainda questoẽs estratégiacs de solução do conflito pois o peso das nossas limitacoẽs conduziram as discussoẽs à nenhum lado; noutras palavras, Ruak considera-me um ignorante na materia pelo que era perda de tempo as nossas discussoẽs nesta matéria. Por outro lado, penso que o irmao Ruak queria com isso desafiar o Irmão para o debate, já que as"ideias e a linguagem" utilizadas por mim eram do Irmao e, por isso mesmo, um silêncio das Sua parte poderia ser interpretado como uma aceitação indirecta das ideias do Ruak como irrebatíveis.

Apercebe-se claramente da existencia de diferenças fundamentais sobre questoẽs de fundo em materia de análise entre o Comdt-das-FALINTIL e o CEM (já não me refiro a mim mesmo também porque tenho defendido a validade das Suas ideias e a necessidade da aplicação dinámica das mesmas à evolucão da nossa luta). Contudo, não posso fornecer uma opinião sistematizada, esquematica e sintetica na materia precisamente porque não possuo bases teóricas.

Porém, se por um lado devo reconhecer o grau de esforço do irmão Ruak na apreciação da situacão militar do país, no domínio teórico (sim, porque como se costuma dizer,"na terra dos cegos quem tem olho é rei") das questoẽs militares da nossa luta, identificando as etapas da nossa guerra, as suas fases em desenvolvimento, as suas contradicoẽs especificas, os métodos de solução dessas contradicoẽs a previsão do estado da situacao em que havemos de chegar, devo afirmar, por outro lado de que ele não é coerente, honesto e sincero quando procura identificar as causas dos nossos fracassos militares.

Pelas dificuldades já apontadas da minha parte, irei fazer apenas uma descricão narrativa dos acontecimentos no dominio militar das nossa luta, procurando esforcar-me em identificar, ainda que de forma deficiente e confusa, as verdadeiras causas dos nossos fracassos no dominio militar, desde de finais de 86 para cá, produto de um esforco mais acentuado do IN de nos exterminar mais rapidamente quanto possível para pôr fim a resistência armada, procurando com isso legitimar a anexação de TL na Indonésia.

A - A estratégia de contra-guerrilha territorial - seus objectivos e resultados alcancados pelo exército invasor.

Uma vez conseguidos a totalidade ou quase a totalidadd dos objectivos definidos para a etapa inicial da guerra de invasão e ocupacão militar indonésia de TL, cujos resultados alteraram radicalmente a situacão militar do país, a guerra de invasão e ocupacão passou a uma seguinte etapa na qual o IN detinha uma superioridade total em todos os domínios e as FALINTIL numa situacão de total desvantagem. na correlacao de forças.

Nesta, o inimigo define dois objectivos essenciais a alcançar: a PACIFICAÇÃO gradual e completa do território através da exterminacao final dos sobreviventes das FALINTIL e a conquista de corações timorenses na aceitacão da sua política de anexacao de TL.

Para se conseguir esses objectivos, os generais indonésios procuram combinar (com pouca habilidade porque o exército indonésio foi feito para matar sômente) a accão de diversos factores que na sua interacção e no seu condicionamento mútuo tornam p possíveis a materialização gradual e completa dos seus objectivos fixados.

Estes factores são de ordemmilitar, dominante e determinante da realizacão e do sucesso de outros factores, pela sua capacidade de destruição física e material e moral dos guerrilheiros das FALINTIL; psicológico destinada a destruicão da ideologia de libertacão sobre que se assenta as bases políticas da resistênciá armada e clandestina; o sócio-economico destinado a resolver a miséria da populacão encurralado em campos de concentracao atarvés de um programa de repovoamentos populacionais as suas zonas de origem, pela construcão de estradas, pontes, escolas melhorando as condicoẽs de vida das populacoes, visando consolidar as suas conquistas militares, e o fáctor político através de implementação de falsas reformas destinadas a iludir [illegible] os timorenses. [illegible]

Contudo, o factor político continua a ser de difícil implementação dada a natureza do regime de ocupação e isso levará os indonésios a escolher o momento mais apropriado para a sua implementação. E, por último, o factor diplomático destinado a conseguir o apoio internacional, em especial, da ONU para legitimar a anexação de TL na Indonésia.

Contrariamente a etapa inicial da guerra de invasão e ocupação militar na qual o IN. encarava a Resistencia apenas em duas frentes importantes, a diplomática e a interna, esta totalmente concentrada nas montanhas e sobre a aqual o IN vinha aplicando toda a massa do seu exército, as bocas de fogo da sua artilharia pesada, os seus carros de combate blindados, a sua aviação apoiando o avanço das suas tropas na destruição total das bases populares de apoio, pelo controle populacional, na destruicao física do material bélico das FALINTIL, aplicando bàsicamente os principios reguladores da guerra convencional, a nova realidade impunha-se-lhe a adopção de novas medidas de combate à guerrilha.

Nesta, as FALINTIL deixaram de defender uma base e populacão, actuando em unidades moveis de guerrilha e procurando sobreviver do apoio da pópulacão que encurralada em campos dd concentracão descobre novas formas de resistência à ocupação e onde as FALINTIL no cumprimento da sua dupla missão procuram organizar e mobilizar o povo para participar na resistência, apoiando-as, o IN passou a encarar três frentes importantes da Resistência à sua ocupacão: a armada das FALINTIL, a politico-clandestina e a diplomática, cada uma delas com características próprias de desenvolvimento e sobre as quais o IN viu-se abrigada a adoptar novas modalidades de acção não só nos seus principios como também nos seus métodos de execucão, o que implicaria um ajustamento total de toda a sua actividade política e militar à actividade da resistência.

No plano especificamente militar o IN teve que adoptar novas modalidades de accão não só nos seus princípios como também nos seus métodos de execucão o que dita como condicão indispensável, a necessidade de converter o seu exército regular convencional num exercito de contra-guerrilha e o seu soldado regular num "soldado guerrilheiro", abandonando os seus meios e equipamentos pesados, aligeirando-os e adequando-os à situacão da guerrilha. Além disso, a preparacão dos seus oficiais em escolas de formacão anti-"subversiva", a melhoria das suas tácticas e aperfeicoamento tecnico dos seus homens constituia uma necessidade indispensável de ser resolvida para se garantir sucesso as suas operacoes.

E para se conseguir tudo isso era preciso tempo e esforço para que o exército indonesio abandonasse as suas velhas tácticas e técnicas de combate a guerrilha, passando a ganhar a mesma agilidade e rapidaz de movimento como o guerrilheiro, podendo estar presente em tempo e mo momento onde a guerrilha se manifesta ou esperando com paciencia até que o guerrilheiro se manifeste para o atacar. Resumindo, era preciso que o exercito indonésio se desembaraçasse de tudo quanto lhe impeça na destuicao rápida da guerrilha, conservando as qualidades essenciais que tornam o soldado inimigo sempre superior ao guerrilheiros, perseguindo-os permanentemente para os exterminar.

As dificuldades com que se batiam o exército indonesio no combate a guerrilha nessa fase de adaptacão e de mudança gradual das tácticas e tecnicas de combate anteriormente utilizadás, negava-lhes sucessos militares sobre as FALINTIL, com excepção do desastre de Lalina, situacao que foi particularmente útil para as FALINTIL, pois no periodo de 84 a 86, dépois de corrigidas as falhas do comando superior, com a reestruturacao radical, elas estavam em franco crescimento em todos os aspectos.

Mas agora se pode perguntar ou ê logico perguntar-se: porque entao que no auge do nosso crescimento assistíamos também o início da nossa própria destruicão? Quais foram as causas das nossas derrotas? Teríamos podido evitar a reducão drástica que as FALINTIL vieram sofrendo, colocando-as na actual situacão? com tendência a uma inevitavel exterminacão?

A pergunta é bastante pertinente e inquietante para todos nós que estamos empenhados na luta armada pela libertacão da nossa querida pátria. E' uma pergunta que nos preocupa e nos impele a encontrarmos resposta a mesma, se quisermos sobreviver para lutar e libertar a nossa terra da ocupação indonésia.

E uma resposta séria, que reflectisse objectivamente a situacão da nossa luta, a especificidadd da nossa guerra de guerrilha tem que se exprimir as verdadeiras causas das nossas derrotas militares infringidas pelo IN uma após outra, ano apos ano mas, de uma forma particular, a partir de finais de 86 a finais de 91/92, continuando em 95 até hoje.

Quanto a mim, as causas das nossas derrotas militares que reduziram companhias a inteiras para pequenos grupos de pouco mais de uma secção são várias e podem resumir-se em dois aspectos essenciais:

- o primeiro aspecto, a primeira causa fundamental reside fundamentalmente na enorme superioridade do inimigo não só bélica e númerica mas tambem pela sua formação teórica, técnica e táctica, os seus inacabáveis meios de combate, a melhoria e o aperfeiçoamento das suas tácticas e tenicas de combate contra as quais as FALINTIL lutám contando ùnicamente com as suas próprias forças e com o apoio do nosso povo mas, que nos foi privado pelo IN a partir de finais de 83 a 90/91.

- a segunda causa reside na nossa falta de preparação em todos os planos: politico/organizacional das massas populares, a falta de uma preparação teórica e de visão da luta dos nossos comandantes, a falta de preparação técnica dos nossos guerrilheiros o que caracteriza o nosso exército de guerrilhas, a sua pequenez em todos os planos.

Enquanto o IN se preparava longamente para melhorar a sua capacidade combativa no p plano operacional, adoptando novos princípios reguladores da sua acção e novos métodos de execução, aperfeicoando a capacidade táctica e técnica, ganhando cada vez mais destreza no combate a guerrilha, nós não nos preparávamos em função da realidade da nossa guerra de guerrilhas. Os nossos comandantes, mesmo ao nível superior, muitos levavam uma visão militarista da guerra, preocupando-se ùnicamente em capturar armas não se tendo em conta que a sobrevivência das FALINTIL dependia basicamente do apoio popular que desfrutamos sem o qual estaremos condenados inevitavelmente a exterminação total. Como consequência, perdemos os nossos melhores homens para afirmarmos a nossa existência como força.

Nessas condicões, quanto a mim, sem um apoio militar do exterior o que nós é impossível, só um milagre caído do céu podia ter evitado a nossa exterminação. Aliás, porque não podemos alimentar-nos de muitas ilusoẽs quanto a possibilidade da intervenção de um apoio militar do exterior e que devemos aceitar a nossa exterminação como inevitável.

B-- Qual e a situacao militar actual do pais?

O inimigo não cessa de aperfeiçoar constantemente as suas tacticas e tecnicas de combate a guerrilha enquanto ésta não fôr totalmente exterminada.

Se os repovoamentos constituiam a expressão da consolidação e alargamento do seu controle territorial e administrativo e também constituia uma táctica fundamental de combate a guerrilha, pelo estreitamento das zonas da guerrilha, negando as FALINTIL capacidade de sobrevivencia tanto no terreno militar como no do aproveitamento logístico uma vez que ao satisfazer as necessidades básicas que afligem as populacoẽs garantindo-lhes bem-estar social, este factor, no seu entender, levaria as populacoẽs a questionar a utilidade da manutenção da guerrilha nas montanhas, negando-lhes o seu apoio e apoiando o exército nos seus esforços de exterminar a guerrilha para pacificar o territorio, o que reconhecemos ter críado enormes dificuldades às FALINTIL contribuindo de alguma forma a sua exterminação, hoje pela evolução da situacão política em todo o pais, os repovoamentos passaram a ser um pontó vital, a báse de sobrevivência dos guerrilheiros, tanto do ponto de vista de apoio logistico como de informação e também do ponto de vista de segurança e refúgio contra os ataques do exercitó invasor.

Os guerrilheiros vivem hoje básicamente do apoio popular, talvez com a excepção do grupo do Lere, a base de aprovisionamento logístico das FALINTIL vem do apoió popular e nalguns casos, os guerrilheiros vivem sob protecção da população. Temos como exemplo, a situação na Fro/Norte onde os guerrilheiros pràticamente vivem diluidos entre a populacaó ou ainda o centro norte onde tambem a guerrilha passou a registar a sua presenca lá, vivendo sob proteccao das massas populares. No Bivake, por exemplo, a recuperacao das condicoes políticas ou do apoio popular permitiu de novo a presenca das FALINTIL nessa area atingindo até as áreas de Watokarabau, outrora de dificil movimento da guerrilha por causa da hostilidade da populacao.

Esta nova realidade da luta impos ao inimigo a adopção de novas medidas no terreno militar para combater pela raiz a base de sobrevivéncia da guerrilha e exterminar os guerrilheiros, numa fase em que a utilidade da manutencao da luta armada se afirma cada vez mais na consciencia do nosso povo que se oferece ou se dispoẽ a apoiar eficazmente os guerrilheiros.

Para se combater a essa nova realidade da guerrilha timorense que experimenta uma nova fase de sobrevivencia com as suas caracteristicas específicas, o inimigo tomou ou está tomando as seguintes medidas de combate à "subversao":

a- É criado um centro de treinamento e especializacao de timorenses para o combate a "subversao" para onde sao recrutados muitos timorenses que recebem treinamento intensivo em Aileu-o centro de instrucão e especializacão na guerra anti-"subversiva", sob comando e orientacão directa do assassino e ambicioso coronel Parabou, genro de Soeharto. Essas forças sao denominadas de "RAJA WALI" e recebem nocões básicas de espionagem e contra-espionagem, de accão psico social-aliciamento, manobras de traicao,etc. e também de combate nas retaguardas do IN, à"subversao".

Além desses novos elementos recrutados são mobilizados também as forças dos TIM SERA, ALFA, SAKA e MAKIKIT para o referido centro onde recebem também instrução e eperfeiçoamento técnico e de "especializacao" no combate à subversão.

b-Intensificam a preparação de agentes informadores seleccionados entre os jovens e a populacao desconfiada de participar na resistência com a missão de preparar terreno para a repressão do ocupante, buscando informações sobre a localização exacta dos guerrilheiros, os seus dirigentes, as suas actividades e os seus hábitos, as linhas de aprovisionamento logístico e informacão. Além disso, o inimigo intensifica campanhas de aliciamento e procura explorar as divergencias entre os membros da resistencia clandestina pondo-os em confronto entre si e entre eles e os guerrilheiros e incita-os a fazer denúncias, oferecendo prémios a todos os que fornecessem informações objectivas sobre a localização exacta da guerrilha e conduz o exército ao assalto.

c-Os timorenses recrutados, os "RAJA WALI" depois de período de preparacão regressam às suas zonas de origem ou são colocados nas suas zonas de origem onde conhecem a população e o terreno, factores que lhes permitem realizar com sucesso à sua accão, envolvendo-se em actos de traicão ou atacando os guerrilheiros quando são detectados.

A accão dessas forcas realizam-se por fases:

no seio da população

-Na primeira fase buscam informacoes sobre a localizacão exacta da guerrilha, as linhas de aprovisionamento e de informacão, as actividades da guerrilha, os seus movimentos, habitos, os elementos de ligacao, etc. e fornecem ao comando para estudo.

-Nao atacam imediatamente os guerrilheiros individuais que vivem diluidos entre a populacão, a menos que sejam os seus dirigentes. Isto permite obter informacões mais exactas sobre a resistencia clandestina e a guerrilha para garantir sucesso ao seu posterior ataque.

Concluido a primeira fase de operacao, obtidos os dados concretos e objectivos através de um servico de informacão bem montado e bem orientado, o inimigo passa a segunda fase da operacão, a fase da violência, a fase do ataque à mão armada com efectivos do exercito regular muito numerosos e que tem como fins a atingir:

--cercar e destruir a "base" da guerrilha e eliminar fisicamente os guerrilheiros e os seus dirigentes.
-destruir totalmente as linhas de aprovisionamentos logisticos, informacão e desmantelar a rede clandestina, aprisionar os responsaveis e os elementos mais activos e forca-los a fazer outras denúncias.
-perseguir os guerrilheiros que se escaparam, impor novos combates e destruir com isso o moral combativo dos guerrilheiros e levá-los a rendicão.
-intensificar operacoes de rusga e limpeza destinadas ao reestabelecimento da "ordem" e a reconquista da confiança da populacão e,
-finalmente, tomam medidas de prevencao que impecam o retorno dos guerrilheiros as essas zonas.
-a perseguicao permanente e a imposicão de combates continuos destinam-se a dispersão dos guerrilheiros, impondo-os isolamento o que impede a retomada de contactos com a populacao e das suas actividades, cerca-os com um mar de dificuldades e provoca a sua capitulacão.

Esta situacao se verifica mais na Fro/Norte mas há uma tendência geral da nossa guerrilha ao recurso as hortas da população, suas imediacões e até as casas da populacão para se refugiarem, para se escaparem das ofensivas do IN e para se reabastecerem ou serem tratados quando se encontram doentes ou feridos,etc. Além disso, hoje praticamente a guerrilha tem marcado a sua presenca em todo o lado, mesmo nas zonas onde era dificil o acesso da presenca física da guerrilha tais como: Turiskai, Maubisse, Aileu, Laklubar, Bivake, Watukarabau, para nao falarmos da situacao na Fro/Norte.

Simultaneamente a essas operacões, o IN reforça a sua presença ~~presenca~~ militar no territorio, segundo informações que temos à mão, estão cerca de 25 a 30 batalhões, (nao posso confirmar) a actuar ém TL. Estas forças estão realizando intensas operacões militares contra as FALINTIL, realizando campanhas de envergadura e operacões de contra-guerrilha, aplicando-as simultaneamente ou de forma alternada mas permanente sobre as zonas da guerrilha. Além disso, desencadeiam também operacoẽs de rusga, e de limpeza as imediações das hortas da populaçāo, das zonas de pastagem de gado, as plantacoẽs de cafés as hortas e as aldeias e também sobre as casas da populacão onde sabe que os guerrilheiros vivem ali misturados com a populacao e sob a protéccao das mesmas.

Se os objectivos do IN definidos para a actual etapa da guerra, no terreno da confrontacão politica e, sobretudo, militar são : a neutralizacão das actividas politicas da resistência popular clandestina e a exterminacão total ou final dos "últimos sobreviventes"das FALINTIL materializando os seus objectivos de pacificação do territorio, o IN confronta-se hoje com uma resistencia nacional generalizada e abrangente a todas as camadas da nossa sociedade o que limita as chances de ele conseguir rapidamente os seus objectivos. Daqui se explica os esforços desesperados do IN na melhoria das suas tácticas e técnicas dd combate à resistência no terreno político clandestino e no terreno militar de confrontacão.

Estas são, segundo a mim, as medidas que se adaptam a actual situacao, como uma forma de diminuir as possibilidades de o IN exterminar-nos rapidamente. A visao militarista da guerra apenas só nos trouxe desastres inesperados. Por outro lado, a necessidade de conservacão das nossas forças impõe a que atacássemos o IN. quando reunidas todas as condições que nos garantem sucesso são outras medidas que temos que incutir na consciencia dos nossos comandantes e guerrilheiros, procurando levar os nossos homens a compreender e a ter uma formacao teórica da evolucão da nossa guerrilha e a necessidade de adopcão de princípios e métodos que se ajustam a actual situacão.

Resumindo: 96 será um ano de implementação na prática dos principios reguladores da nossa guerra de guerilhas, uma guerrilha que só poderá sobreviver se houver um apoio popular forte, sem o qual estaremos condenados a exterminacão final.

Esta e a situacao politica e militar da nossa luta, que procuro apresentar-Lhe neste relatorio.

No terreno da materializacao das tarefas, teremos como prioridade as Suas orientacões ou materializacao das Suas orientacoes para além dos objectivos que buscamos no terreno politico e militar, a saber: no plano militar, acções de desestabilizacão e de recuperacão do material do IN; no terreno politico, a consolidacão e o alargamento das condicoes politicas permitindo um apoio e uma participacaó activa das massas populares na luta.

666--

Este documento segue incompleto, porque não pude ter trazido comigo os documentos que anexei à ele!

[illegible]